

*A seguinte série, constituída por uma introdução e 5 artigos, analisa de vários ângulos diferentes a ameaça norte-americana de uma guerra contra o Irão. Foi publicada pelo Serviço Noticioso Um Mundo A Ganhar (SNUMAG), [aworldtowinns.co.uk](http://aworldtowinns.co.uk), nas edições de 29 de Maio, 5, 12, 19 e 26 de Junho e 30 de Outubro de 2006.*

## **O Irão e a ameaça de uma nova guerra**

### **Introdução**

*Enquanto no Conselho de Segurança da ONU se arrastam as disputas diplomáticas sobre as sanções contra o Irão, neste mesmo momento os EUA levam a cabo exercícios militares no Golfo Pérsico. Com a participação de membros do Conselho de Segurança como a França e a Grã-Bretanha, bem como do Barém e do Kuwait, a força naval liderada pelos norte-americanos está a exercitar a interceptação e busca dos navios que entram e saem do Irão. Claramente, o objectivo é forçar o regime iraniano a escolher entre a humilhação e rendição ou a guerra. Pelo menos até agora, trata-se apenas de uma ameaça – mas é muito mais que apenas palavras.*

*Um artigo recente na revista Time intitulado “Como seria a guerra” (17 de Setembro) avisa que “Do Departamento de Estado à Casa Branca e aos mais altos escalões do comando militar, há um crescente sentimento de que um enfrentamento com o Irão... pode ser impossível de evitar.” O objectivo disto é, sem dúvida, fazer com que “a América média” se habitue a essa ideia. Um outro “jornalismo”, mais histórico, mesmo na comunicação social “liberal” firmemente favorável ao Partido Democrata (New York Times Magazine, 29 de Outubro), associa o programa nuclear do regime iraniano aos atentados suicidas. Embora esse artigo seja de falas mansas e vagamente académico, a sua implicação não explicitada é a oposta: que o regime iraniano e talvez o país devem ser violentamente eliminados o mais cedo possível. Tal como as invasões do Afeganistão e do Iraque, isso seria apresentado como uma guerra de “autodefesa”.*

*Com estas luzes avisadoras vermelhas intermitentes como pano de fundo, publicamos uma nova introdução (de 30 de Outubro de 2006) à série de artigos sobre os EUA e o Irão que apareceram em Maio e Junho de 2006 no Serviço Noticioso Um Mundo a Ganhar. Este folheto está disponível em formato PDF para reimpressão onde quer que seja sentida a necessidade de construir um movimento contra uma nova guerra norte-americana.*

Esta série de artigos visa analisar as razões políticas, económicas e sobretudo geoestratégicas por que os EUA escolheram engendrar uma crise em torno do programa nuclear do Irão. Mesmo neste curto período que decorreu desde que foi publicada, o mundo sofreu uma tremenda turbulência e novos desenvolvimentos, entre os quais a invasão do Líbano por Israel. Porém, as contradições objectivas que criaram a ameaça de uma nova e porventura maior guerra contra o Irão não mudaram na sua essência. De facto, estes desenvolvimentos confirmam a seriedade da ameaça – a inflexível determinação dos EUA e dos seus aliados em imporem um domínio mais directo sobre os povos do Médio Oriente – bem como os obstáculos e as limitações que esses imperialistas enfrentam.

Os ministros dos negócios estrangeiros dos países “5 mais 1” (os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas – EUA, Rússia, Grã-Bretanha, China e França – mais a Alemanha) aprovaram um pacote de incentivos inventado pela União Europeia (UE) e que foi apresentado a 6 de Junho pelo responsável pela política externa da UE, Javier Solana, ao chefe da segurança nacional do Irão, Ali Larijani. Embora o conteúdo do acordo oferecido seja secreto, parece que os seus termos permitiriam que os dois lados pudessem reivindicar alguma vitória. A apresentação desse pacote e a sua aprovação pelos norte-americanos criaram a ideia de que Washington estava à procura de uma saída pacífica para a actual crise. Ao contrário do que aconteceu no passado, os EUA sugeriram mesmo que participariam nas negociações em conjunto com as outras cinco grandes potências, com a condição de o Irão suspender primeiro o seu programa de enriquecimento de urânio. Mas, na realidade, a oferta europeia tinha como objectivo controlar e

desacelerar os EUA na sua pressa de intensificar as suas contradições com o Irão. Embora os EUA tenham tido que aprovar o pacote em palavras, procuraram uma desculpa para recuperar a iniciativa. O regime islâmico acolheu a sugestão e Larijani chamou-a de “encorajadora”. O Irão disse que daria a sua resposta a 23 de Agosto. Isso foi desculpa suficiente para os EUA ultrapassarem as iniciativas da UE dizendo que essa demora era inaceitável. A Secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, disse que o Irão só tinha “semanas e não meses” para responder.

Mas, muito antes de Agosto, um novo desenvolvimento no Médio Oriente mudou todo o cenário e, numa questão de horas, a ideia de uma saída pacífica para a actual crise no Médio Oriente parecia muito menos provável. Em vingança por dois soldados israelitas terem sido raptados pela organização libanesa Hezbollah, num tipo de operação que tem ocorrido regularmente durante os últimos anos, Israel desencadeou uma guerra total. Os sionistas não conseguiram convencer muita gente da honestidade da sua explicação para terem causado tanta destruição no Líbano. Pelo contrário, muito mais gente no mundo inteiro viu essa guerra como ligada aos planos imperialistas dos EUA para reestruturar aquilo a que eles chamam o Grande Médio Oriente e como parte da sua busca de uma Nova Ordem Mundial. Rice admitiu-o de certo modo quando há pouco desdenhou do sofrimento do povo libanês como “as convulsões do nascimento do novo Médio Oriente”. Mais especificamente, muita gente viu isso como um primeiro passo do processo de preparação para uma possível guerra contra o Irão.

O jornalista norte-americano Seymour Hersh relatou na revista *The New Yorker* (21 de Agosto) que “Segundo um perito no Médio Oriente com conhecimento do actual pensamento tanto do governo israelita como do norte-americano, Israel tinha inventado um plano para atacar o Hezbollah – e partilhou-o com responsáveis da Administração Bush – muito antes dos raptos de 12 de Julho. ‘Não se trata de que os israelitas tinham uma armadilha em que o Hezbollah caiu’, disse ele, ‘mas de que havia na Casa Branca um forte sentimento de que mais cedo ou mais tarde os israelitas o iriam fazer’.”

### **As razões por trás do ataque ao Líbano – e os seus resultados**

Mas porquê escolher o Líbano como uma janela por onde atacar o Irão? Como gendarme do imperialismo norte-americano na região, Israel estava em guerra com o Líbano desde 1970, por vezes num conflito de alta intensidade e por vezes num de baixa intensidade. Israel partilhava o interesse norte-americano de tentar esmagar o Hezbollah por duas razões. Primeiro, porque essa organização se tinha desenvolvido como a principal barreira à capacidade de Israel invadir e controlar o Líbano à vontade. Segundo, porque uma das formas mais efectivas de o regime islâmico iraniano responder a um ataque dos EUA ao Irão seria através do Hezbollah. Os estrategas militares de Washington estavam muito preocupados com os mísseis de longo e médio alcance do Hezbollah e temiam que ele pudesse organizar uma guerra de guerrilha dentro da própria Israel. Ao mesmo tempo, os EUA e Israel esperavam que esse ataque ao Hezbollah provocasse uma nova guerra civil de base étnico-religiosa no Líbano, semelhante à que eles causaram no Líbano nos anos 70 ou à que está a acontecer hoje no Iraque. Essa guerra não só debilitaria o Hezbollah como também poderia servir de desculpa a algum tipo de intervenção ou presença israelita ou mesmo norte-americana mais de longo prazo.

Quando ficou evidente que os bombardeamentos aéreos que mataram provavelmente um milhar de civis não seriam suficientes para atingirem os seus fins, Israel invadiu por terra. Mas os estrategas militares não atingiram o seu objectivo. O Hezbollah, cujo braço armado é muito mais parecido a um exército que os informais grupos combatentes palestinianos, opôs uma resistência muito mais forte que a esperada. Os libaneses não se voltaram uns contra os outros, mas ficaram ainda mais unidos contra Israel e os EUA. O Hezbollah é uma organização de base religiosa e étnica e não anti-imperialista – isto é, o seu objectivo não é libertar o Líbano da teia mundial de relações económicas e políticas dominadas pelo imperialismo, mas sim reconfigurar a paisagem política dentro do Líbano. Apesar disso, esta guerra impulsionou a moral e o prestígio do Hezbollah como força de luta contra Israel. A classe dirigente dos EUA ficou decepcionada com a sua incapacidade de progresso nos seus planos para o Médio Oriente e de preparação da guerra contra o Irão.

O artigo de Hersh acima citado continua fazendo os seguintes comentários: “Segundo Richard Armitage, que foi Secretário de Estado Adjunto no primeiro mandato de Bush – e que, em 2002, disse que o Hezbollah ‘é provavelmente a elite dos terroristas’ – a campanha de Israel no Líbano, a qual enfrentou dificuldades inesperadas e críticas generalizadas, pode, afinal, servir de aviso à Casa Branca sobre o Irão. ‘Se a força militar mais poderosa da região – as Forças de Defesa de Israel – não conseguem pacificar um país como o Líbano, com uma população de quatro milhões de pessoas, dever-se-ia pensar cuidadosamente sobre a aplicação desse modelo ao Irão, que tem uma profundidade estratégica e uma população de setenta milhões’, disse Armitage. ‘A única coisa que os bombardeamentos conseguiram até agora foi unir a população contra os israelitas’.”

Esta guerra também amplificou as contradições inter-imperialistas. A UE viu esta guerra como uma tentativa israelo-norte-americana para esmagar a iniciativa europeia na questão nuclear iraniana e fez pressão para um cessar-fogo, usando o sofrimento do povo do Líbano como pretexto para as suas próprias manobras.

Estes desenvolvimentos recentes parecem ter incentivado a estratégia do regime iraniano. A 22 de Agosto, o Irão respondeu ao dito pacote de incentivos dos “5 mais 1”. Era agora claro que, influenciado pelos desenvolvimentos no Líbano, Teerão tinha chegado à conclusão de que os EUA e Israel não respeitariam ou reconheceriam necessariamente qualquer acordo entre o Irão e a Europa, e que qualquer concessão feita pela UE não levaria a nada. As recentes declarações de um responsável iraniano (segundo o Serviço da BBC em persa), acusando os EUA de sabotarem as negociações entre o Irão e a UE, apoiam esta tese. Além disso, essas declarações parecem destinadas a iniciar uma nova série de esforços para pôr os EUA, a Europa e a Rússia uns contra os outros, dada a oposição russa e chinesa às sanções e a oposição da UE a uma guerra contra o Irão. O regime islâmico parece estar à espera que os resultados da guerra do Líbano tenham tornado a França em particular um pouco mais corajosa na defesa dos seus interesses contra os EUA. Contudo, estas diversas posições não estão necessariamente congeladas. Haverá mais mudanças de tática segundo os diferentes desenvolvimentos até que finalmente um acto decisivo defina a situação durante algum tempo.

### **O teste nuclear norte-coreano e a questão nuclear iraniana**

Os recentes desenvolvimentos em torno do teste nuclear norte-coreano interagem com a situação iraniana.

Embora as principais potências, incluindo a China e a Rússia, tenham condenado ou criticado duramente a Coreia do Norte por ter levado a cabo esse teste, elas adoptaram uma atitude muito particular. A posição norte-americana é particularmente peculiar e revela muito sobre a estratégia e os objectivos geopolíticos de Washington. Afinal, os EUA iniciaram a sua maior guerra desde a do Vietname a pretexto de o regime de Saddam Hussein ter supostamente armas de destruição em massa. A evidência usada para fundamentar essa invasão revelou-se completamente fabricada pelos EUA e pela Grã-Bretanha. Depois, mais recentemente, Bush e outros altos responsáveis norte-americanos anunciaram que nunca tolerariam a aquisição de armas nucleares pela Coreia do Norte. Agora que a Coreia do Norte testou uma, apesar de os EUA gostarem de ver aplicadas duras sanções económicas contra Pyongyang, aceitaram uma resolução aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU que excluía o uso directo da força. Apesar disso, a atitude dos EUA em relação ao Irão, que segundo relatórios dos serviços norte-americanos de informações está a cinco ou dez anos de poder fazer aquilo que a Coreia do Norte já fez, é muito mais agressiva.

De facto, parece que os EUA estão a tentar usar o teste nuclear da Coreia do Norte para uma escalada contra o Irão. Bush declarou a 10 de Outubro que “o regime norte-coreano continua a ser um dos países do mundo que mais prolifera a tecnologia de mísseis, incluindo a sua transferência para o Irão e a Síria. A transferência de armas ou materiais nucleares da Coreia do Norte para estados ou entidades não estatais seria considerada uma séria ameaça para os Estados Unidos e consideraríamos a Coreia do Norte totalmente responsável pelas consequências desse acto.” Por outras palavras, o perigo da Coreia do Norte, diz Bush, deve ser visto tendo em conta o que os EUA consideram os seus problemas imediatos: o Irão e a Síria. Isso até está a ser usado como pretexto para possivelmente interceptar meios de transportes do Irão, supostamente para impedi-lo de receber material nuclear ou outro da Coreia do Norte.

Em suma, a proliferação nuclear não é a principal preocupação dos EUA ou de qualquer outra das principais potências. E, em resultado, os EUA estão dispostos a fazer concessões à China e à Rússia sobre a forma de lidar com uma Coreia do Norte nuclear, a troco das suas concessões aos EUA sobre o dossiê nuclear iraniano.

É claro que o Médio Oriente é a principal prioridade do imperialismo norte-americano. Vezes sem conta, os actos norte-americanos, bem como os documentos da sua política externa, mostraram que consideram de importância estratégica e central para os interesses dos EUA o controlo de toda essa região. Qualquer acto que possa significar uma perda de interesse nesse objectivo parece impossível e inimaginável para os EUA.

### **O que emergirá deste caos?**

Os acontecimentos no Iraque e noutras partes do Médio Oriente correram muito mal para Washington. Essas dificuldades e esses perigos também aumentaram as contradições entre os EUA e os seus rivais imperialistas que tentam tirar partido de a superpotência estar atolada no Iraque e desafiar os objectivos estratégicos norte-americanos, perturbando os planos norte-americanos ou não cooperando como os EUA gostariam.

O momento actual é de debate e mesmo de crise entre os estrategas reaccionários dos partidos republicano e democrata sobre a forma de atingirem os seus objectivos regionais, tendo em conta as suas dificuldades. Há vozes muito importantes na classe dominante dos EUA que apelam a ajustes na forma como os EUA estão a lidar com o Iraque. Também emergiram, há meses atrás, sérias diferenças em relação ao Irão dentro da classe dominante dos EUA, mesmo antes do actual debate sobre o Iraque e do empate do Hezbollah à invasão israelita. Isso foi dramaticamente ilustrado com a publicação de um discurso intitulado “Não ataquem o Irão” de Zbigniew Brzezinski, um dos principais conselheiros de política externa do imperialismo norte-americano, que certamente não fala só por ele. É possível que as dificuldades dos EUA possam forçar um reconhecimento dos seus limites e uma reconsideração sobre como e quando tratar da República Islâmica do Irão. Mas não há nenhum verdadeiro debate sobre o mais vasto objectivo estratégico de controlo norte-americano do Médio Oriente; a questão é como conseguir esse objectivo mais vasto. Além disso, seria um grande erro concluir que desapareceu o perigo de um ataque directo dos EUA ao Irão ou mesmo que tenha *necessariamente* sido empurrado para um futuro distante. “Bush também jurou em privado que não acabaria o mandato com o programa nuclear iraniano intacto”, relatou a revista *The New Republic* a 2 de Outubro de 2006. Não conseguimos prever o futuro, mas podemos afirmar com certeza que a actual situação é volátil e extremamente perigosa.

Uma voz muito poderosa entre os círculos dominantes dos EUA está a declarar que como não há nenhuma solução boa para os EUA no Iraque ou em qualquer lugar do Médio Oriente nas actuais condições da região em geral, o único caminho é uma abordagem “tudo ou nada”. Como os acontecimentos no Iraque, no Líbano, na Palestina e no Irão estão tão interligados uns com os outros, essa abordagem visaria afastar o que os EUA consideram forças e regimes problemáticos todos de uma vez. Isso seria uma jogada desesperada, mas também poderia parecer a melhor opção disponível. Tão potencialmente desastrosa como tentar um ainda mais ousado avanço no Médio Oriente poderia ser para esses imperialistas, alguns dos seus estrategas acreditam – e não sem razão – que a situação só se porá pior para eles se não agirem decisiva e imediatamente. Embora os debates nos círculos imperialistas sejam motivados por uma necessidade real de lidarem com a situação no Médio Oriente como ela se desenvolveu de facto – e que mostrou estar, pelo menos até agora, muito para além da sua capacidade de a controlarem, isso é apenas um aspecto das necessidades que eles enfrentam. O outro aspecto é que ao não conseguirem estabelecer decisivamente o controlo dos EUA na região pode trazer-lhes um desastre ainda mais certo: poderia falhar a sua candidatura ao domínio mundial e, em vez disso, os seus rivais imperialistas ganhariam o dia.

O antipopular regime iraniano, tal como outros regimes reaccionários do Médio Oriente que estão na mira das armas de Washington, lutam por sobreviver à tentativa norte-americana de reestruturação da região. A República Islâmica do Irão tem e continuará a manobrar dentro do jogo imperialista, na esperança de encontrar um lugar para si no sistema económico e político imperialista. Ao mesmo tempo, procura tirar proveito do ódio anti-imperialista das massas do Irão e da região para assegurar a sua sobrevivência e tentará

assumir uma postura anti-imperialista para enganar as massas do seu próprio país e do mundo para ganhar o seu apoio.

Os povos oprimidos do Médio Oriente foram durante muito tempo vítimas do domínio e da intervenção imperialistas e milhões de pessoas querem lutar para pôr fim a tudo isso. Mas as forças e ideologias reaccionárias como o fundamentalismo religioso, que neste momento é particularmente forte na região do Médio Oriente, estão a tirar partido desses sentimentos para objectivos que só servem para deixar as massas ainda mais escravizadas. Há a necessidade urgente e vital de um movimento mundial contra a guerra que se oponha aos imperialistas e apoie as massas e as forças verdadeiramente revolucionárias da região. Sem uma mudança revolucionária, não pode haver nenhuma solução, *que sirva os interesses das massas*, para essas contradições poderosas e para um potencialmente catastrófico confronto armado entre interesses reaccionários.

## I – O que querem os EUA

A ameaça norte-americana de um ataque ao Irão tem alarmado toda a gente. Neste momento, os EUA estão envolvidos no tinir de espadas, ameaçando o Irão com acções militares, ao mesmo tempo que, por enquanto, insistem nos seus esforços para impor sanções económicas e diplomáticas. Mas, como mostraram os recentes acontecimentos (Iraque) e a história, tais sanções são frequentemente o prelúdio e mesmo o caminho para uma resolução mais violenta do problema. Há uma real possibilidade de uma nova guerra no Médio Oriente.

Em Abril, a revista *New Yorker*, o jornal *Washington Post* e o jornal britânico *Sunday Times*, cada um independentemente, relataram os preparativos dos EUA para um ataque ao Irão com base em entrevistas anónimas a altas patentes militares norte-americanas e a responsáveis dos seus serviços de informações. O artigo de Seymour Hersh na *New Yorker* dizia que o governo dos EUA estava a considerar não só ataques militares convencionais, como também o uso de armas nucleares tácticas. O *Sunday Times* escreveu que as forças armadas britânicas tinham participado numa invasão simulada do Irão liderada pelos EUA. O jornal londrino *Sunday Telegraph* revelou uma reunião secreta entre responsáveis governamentais e generais britânicos para discutir um possível ataque ao Irão e as suas consequências.

Estes relatos foram publicados numa altura em que o Conselho de Segurança da ONU tinha dado 30 dias ao Irão para cessar o enriquecimento de urânio. O Irão havia retomado esse processo alguns meses antes, depois do colapso das suas negociações com a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. Isso levou a que o assunto tivesse sido retirado das mãos da Agência Internacional da Energia Atómica e enviado ao Conselho de Segurança que tem autoridade para tomar medidas punitivas. Em retaliação, o governo iraniano cancelou a autorização de inspecções-surpresa da ONU às suas instalações nucleares. Depois, a República Islâmica anunciou que tinha conseguido enriquecer urânio a 3,5 por cento e mais tarde a 4,8 por cento. Ao longo do mês de Abril, os tambores da guerra soaram quase diariamente e cada vez mais alto.

O Embaixador dos EUA na ONU, John Bolton, num discurso à convenção anual do Comité de Assuntos Públicos Americano-Israelitas, disse: “O regime do Irão deve tomar consciência de que se continuar no caminho do isolamento internacional, sofrerá consequências tangíveis e dolorosas”. Avisou que os Estados Unidos estão preparados para “usar todas as ferramentas à nossa disposição para parar a ameaça”. De forma mais chocante, o Presidente dos EUA, George Bush, e outros responsáveis norte-americanos têm salientado repetidamente que a opção militar continua “na mesa”.

Contudo, ao mesmo tempo e face à preocupação do mundo, os responsáveis dos EUA negam estar a preparar uma guerra e, pelo contrário, insistem em que ainda estão a tentar uma solução diplomática. O que significam estes sinais contraditórios? Não há nenhuma dúvida de que os EUA estão a brincar às escondidas e a construir um clima político abertamente favorável à guerra, ao mesmo tempo que também tentam esconder quão concreto é esse perigo. De facto, como admitiram abertamente nessa altura os responsáveis

da Casa Branca, a ilusão de uma solução diplomática é um requisito necessário para preparar as opiniões públicas norte-americana e europeias para a guerra.

Ao mesmo tempo, o governo do Irão tem tentado esconder do povo iraniano a dura retórica das autoridades norte-americanas, ou minimizam-na como mera guerra psicológica.

### **O que visam os EUA com este jogo?**

Os EUA afirmam que o seu principal objectivo é assegurar o cumprimento do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). Alegam que o regime iraniano procura ter a capacidade de produzir bombas nucleares. O Irão diz que o objectivo do seu programa nuclear é produzir energia atómica e não armas nucleares. Os EUA e os seus aliados não conseguem provar as suas acusações, apesar do envio de inspectores da ONU às instalações nucleares iranianas, da instalação de câmaras de vigilância permanente por todo o lado nesses locais e de fazerem com que o Irão aceite visitas-surpresa sempre que os inspectores queiram. Além disso, puseram todas as suas agências de informações a trabalhar, num esforço para encontrarem a mais pequena prova que apoie as suas alegações, mas nunca apareceu nenhuma. O relatório da Agência Internacional da Energia Atómica dizia que não há nenhuma prova de que o Irão esteja ou não a trabalhar em armas nucleares. Mas isso não impediu os EUA e os seus aliados das grandes potências de tornarem o acusado em culpado. Agora, estão a discutir a sentença, o tipo de castigo a impor à República Islâmica, ameaçando repetir a tragédia e o crime que cometeram contra o Iraque a pretexto das “armas de destruição em massa”.

Os peritos ocidentais calculam que mesmo que o Irão estivesse a tentar produzir armas nucleares, não teria os materiais necessários, o equipamento e a tecnologia e que demoraria pelo menos cinco a dez anos ao Irão para chegar a esse ponto. Com o estado de espírito predominante entre os responsáveis ocidentais, essa estimativa é provavelmente muito baixa.

Uma pergunta que deveria deixar à vista muito do que realmente está a acontecer é esta: como é que os EUA podem alegar estar tão preocupados com a prevenção da propagação de armas nucleares quando são o único país na história que alguma vez usou bombas atómicas – com centenas de milhares de mortos e os subsequentes efeitos que ainda hoje ceifam vítimas nas gerações posteriores? Por que é que os EUA sempre rejeitaram os apelos para pelo menos manifestar pesar por esse crime contra a humanidade durante as seis décadas após o bombardeamento de Hiroxima e Nagasáqui? Por que produziram milhares de ogivas nucleares e se recusam repetidamente a reduzir o seu arsenal nuclear? Por que é que os EUA ameaçam publicamente outros países com armas nucleares?

Quanto à Grã-Bretanha, o governo britânico está actualmente determinado a actualizar os seus mísseis nucleares submarinos Trident, em violação do TNP. Em Janeiro passado, o Presidente francês Jacques Chirac também ameaçou descaradamente usar armas nucleares para defender os interesses do seu país. Além disso, os EUA e os seus aliados ajudaram a construir a mais flagrante violação do TNP do mundo: o armamento nuclear de Israel, um país cuja própria existência se baseia na ocupação da terra de outros povos e na ameaça e invasão de outros países. Israel recusa-se a assinar o TNP e ignora resoluções do Conselho de Segurança da ONU, mas esse silêncio nem sequer recebe uma condenação diplomática, já para não falar numa punição internacional pela ONU. A única coisa que preocupa os EUA e os seus aliados é como armar ainda mais os sionistas.

Se os EUA estivessem tão preocupados com o TNP, por que é que ainda há apenas dois meses concordou em fornecer nova tecnologia nuclear à Índia, outro país que rejeitou o TNP e desenvolveu e testou armas nucleares – um país que interveio frequentemente em países vizinhos como o Nepal, o Bangladesh, o Sri Lanka e a Caxemira, para não falar das suas guerras com o Paquistão e a China? O que é mais ultrajante é que estados que violam eles próprios o TNP, ou que se recusaram a assinar o TNP, são membros do principal órgão da Agência Internacional da Energia Atómica com o poder de decidir se outros países cumprem o TNP.

Obviamente, o problema da República Islâmica, aos olhos dos EUA e dos outros países que enviaram o caso do Irão para o Conselho de Segurança e estão a tentar puni-lo por isso, não tem nada a ver com fazer cumprir o TNP. Certamente deve haver outros interesses que eles visam.

Quando a Secretário de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, esteve de visita ao norte de Inglaterra pediram-lhe que admitisse que a ocupação do Iraque tinha sido um engano. Ela respondeu que os EUA cometeram muitos erros tácticos mas que a invasão tinha sido estrategicamente correcta porque com Saddam não era possível construir uma nova ordem no Médio Oriente. A mesma lógica se aplica à República Islâmica do Irão. Em Março passado, ela explicava: “Provavelmente não enfrentamos nenhum desafio maior vindo de um único país que o que vem do Irão, cuja política visa desenvolver um Médio Oriente diferente de 180 graus do Médio Oriente que nós gostaríamos de ver desenvolver”. Pode ter havido um exagero nos graus de diferença, mas certamente essa é a verdadeira preocupação dos EUA. Isso foi recentemente confirmado quando um jornalista lhe perguntou se os EUA prometeriam não invadir o Irão se a República Islâmica abandonasse o seu programa nuclear. Absolutamente não, disse ela. “O Irão é um agitador do sistema internacional... As garantias de segurança não estão na mesa”. (Associated Press, 22 de Maio).

Henry Precht, um perito no Médio Oriente que dirigiu de 1978 a 1980 o gabinete sobre o Irão do Departamento de Estado dos EUA, salientou ao *Foreign Service Journal* (Outubro de 2005) que muitos regimes procuram ter armas nucleares, negam direitos ao seu povo e sobretudo às mulheres e cometem outros crimes do tipo dos cometidos pela República Islâmica do Irão – e são recompensados pelos EUA como amigos leais. A única verdadeira razão para a actual campanha contra o Irão, disse ele, é a “hostilidade” ao regime. Numa entrevista ao serviço em persa da BBC (3 de Abril) ele argumentou: “Digamos que os iranianos admitem que cometeram um erro e que já não querem ter energia nuclear... e que abandonam esse programa. Asseguro-lhe que o argumento [norte-americano] seria o de que o Irão é o principal patrocinador do terrorismo, que o Irão sabota a paz israelo-árabe, que o Irão viola os direitos humanos... Enquanto o regime islâmico iraniano não desaparecer do Médio Oriente, eles não vão ficar contentes.”

Estes são os grandes argumentos dos *apoiantes* dos interesses imperialistas norte-americanos, de que a principal preocupação dos EUA não é o TNP mas a existência do regime islâmico, pelo menos na sua actual forma.

As declarações políticas dos EUA têm falado de um Grande Médio Oriente que se estenderia de Marrocos ao Afeganistão. Os EUA precisam de reconfigurar essa região para obterem o domínio global. O Médio Oriente tem as maiores reservas de petróleo do mundo e é também onde estão sediados os maiores produtores de petróleo. Também é uma importante fonte de gás natural. A maior parte do combustível do globo atravessa o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho a caminho do mercado mundial. O petróleo tem hoje tanta importância estratégica que o controlo dessa mercadoria é crucial para o controlo do mundo, incluindo os países europeus, o Japão, a China, a Índia e outros países cujas economias dependem do fluxo ininterrupto de petróleo. Assim, para os EUA, a importância de se apoderar do Médio Oriente não é o lucro imediato que possa ganhar. Precisa do petróleo como alavanca contra os seus principais rivais, mesmo que obtê-lo possa significar perder dinheiro a curto ou médio prazo. Como mostrou V. I. Lenine em *Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo*, “uma característica essencial do imperialismo é a rivalidade entre várias Grandes Potências que disputam a hegemonia, i.e., a conquista de território, não tanto directamente para elas como para debilitar o adversário e minar a sua hegemonia”.

Além disso, a importância do Médio Oriente não se limita ao petróleo. A região está geograficamente situada na intersecção de três continentes e, de facto, é a sua porta de entrada, incluindo a nível militar. Sendo um dos mais importantes países do Médio Oriente, o Irão tem atraído a atenção das potências imperialistas e coloniais há séculos. Além disso, por causa da sua longa fronteira comum com a antiga União Soviética, representou um papel muito especial para o Ocidente e os EUA.

A revolução iraniana de 1979 foi um duro golpe para o imperialismo norte-americano. A queda do regime do Xá instalado pelos EUA e pela Grã-Bretanha significou a perda de um importante pilar do poderio norte-

americano na região, embora a liderança islâmica da revolução tenha suavizado esse golpe até certo ponto. Trabalhando sobretudo através da Europa, o bloco imperialista ocidental liderado pelos EUA conteve com êxito o regime islâmico e impediu-o de entrar na órbita do bloco imperialista soviético. Mantiveram o Irão sobretudo como um cliente ocidental e, mais importante, ajudaram o regime islâmico a reprimir os revolucionários e a matar e executar dezenas de milhares deles.

Porém, com a nova situação mundial actual que se seguiu ao colapso da União Soviética e à emergência dos EUA como a única superpotência, os EUA já não conseguem ficar satisfeitos com a velha ordem no Médio Oriente, forjada em condições diferentes. Foi isto que mudou na República Islâmica do Irão aos olhos norte-americanos. Um regime que era aceitável na anterior situação tornou-se completamente inaceitável, não por causa de qualquer mudança no próprio regime, mas porque a reestruturação do Médio Oriente que os EUA agora acreditam ser possível e necessária requer uma mudança de regime no Irão.

O que os EUA querem é muito mais que apenas a queda do regime. A questão mais importante é saber o que o substituirá. Certamente que uma verdadeira revolução seria pelo menos tão inaceitável como a República Islâmica. Os EUA querem instalar um regime que lhes dê a liberdade que o imperialismo norte-americano julga necessária para atingir os seus objectivos na região, incluindo estacionar as suas forças armadas no país. Isto é o que os EUA consideram uma solução “justa e equilibrada” da situação do Irão em linha com o novo estatuto dos Estados Unidos depois da alteração do equilíbrio de forças que se seguiu ao colapso do bloco soviético.

Como escreveu Lenine: “O capital financeiro e os monopólios não reduzem mas antes aumentam as diferenças na taxa de crescimento das várias partes da economia mundial.” Neste caso, ao mesmo tempo que as economias dos rivais dos EUA na Europa e no Japão ultrapassam rapidamente a dos EUA, de repente os EUA já não têm nenhum rival militar. Actualmente, o próprio mundo encontra-se numa situação em que um país imperialista tem o poder militar para impor a sua vontade aos outros e defender os seus interesses económicos através das armas. A configuração das esferas de influência imperialista no mundo com base no equilíbrio de forças entre dois blocos imperialistas rivais encabeçados pelos EUA e pela outrora socialista URSS deixou de ter razão de existir. Lenine continuou: “Uma vez alterada a relação de forças, que outra solução se pode encontrar para as contradições sob o capitalismo que a da força?” Os esforços dos EUA para transformar o Irão numa neocolónia norte-americana estão no centro de uma luta pela redivisão do mundo de acordo com este novo equilíbrio de forças.

## **II – Possíveis tácticas dos EUA em defesa dos seus objectivos estratégicos no Irão**

Depois de discutir a estratégia norte-americana em relação ao Irão, iremos agora examinar que tácticas podem os EUA utilizar para servir essa estratégia – aquilo que eles gostam de chamar “as opções na mesa”.

Dadas as dificuldades que os Estados Unidos actualmente enfrentam, sobretudo no Iraque, escolherão a opção militar contra o Irão?

Não se deve confundir a mais recente oferta norte-americana de negociações directas com Teerão com uma indicação de que os EUA decidiram não tomar esse rumo. Quer as conversações entre o Irão e os EUA venham a ter lugar ou não, e sem ser possível predizer os seus resultados, pode-se dizer com certeza que um acto unilateral de guerra contra o Irão *exige* um processo prévio de diplomacia para criar as condições políticas necessárias, tanto em termos de preparar a opinião pública nacional e estrangeira, como de negociar com as outras grandes potências e deixá-las preparadas.

Num artigo em que examina as razões por que os EUA fizeram essa proposta, o jornal *The New York Times* (2 de Junho) explicava que “poucos dos seus assessores esperam que os dirigentes do Irão aceitem a principal condição de Bush”: que o Irão, isolado entre todos os países da Terra, aceite a imposição norte-

americana de uma proibição total de enriquecimento ou reprocessamento de urânio, sobretudo com inspecções internacionais. Isso significaria entregar explicitamente a sua soberania nacional aos EUA. Bush também poderia ter proposto ao regime iraniano uma hipótese de lhe lambem as suas botas em público e cometerem suicídio político – “uma proposta com o objectivo de fracassar”, continuava o jornal. Quanto às verdadeiras intenções dos EUA, uma fonte interna foi citada a dizer: “Se vamos enfrentar o Irão, primeiro temos que dizer que ‘tentámos fazer conversações’.”

O analista da BBC Paul Reynolds (2 de Junho) sugeria uma explicação mais atenuada: “Os falcões em Washington alinharam na convicção de que uma proposta de conversações directas agora reforçará mais tarde os seus argumentos a favor de uma acção militar. Também ajuda a manter a Rússia e a China do seu lado... [quando as conversações falharem], eles então farão pressão por uma resolução obrigatória do Conselho de Segurança que imponha ao Irão a suspensão do enriquecimento e depois, se a Rússia e a China bloquearem as sanções, pedirão medidas unilaterais dos EUA e seus aliados. Se isso falhar, então acabará por se discutir uma acção militar.”

## Sanções

A princípio, os EUA evitaram pedir ao Conselho de Segurança da ONU que impusesse sanções diplomáticas e económicas contra o Irão, em grande parte por causa da oposição russa e chinesa. A Secretária de Estado norte-americana Condoleezza Rice tentou parecer tranquilizadora em Março quando declarou: “Ninguém disse que tínhamos que nos apressar imediatamente com alguma forma de sanções”. Mas esse é o caminho que os EUA querem percorrer e, de facto, os EUA parecem ter definido o seu próprio calendário desde o princípio. No início de Junho, Rice sentiu-se preparada para anunciar: “Temos mesmo de ter isto resolvido numa questão de semanas, não meses.”

Embora os pormenores ainda sejam secretos, sabe-se que algumas sanções iniciais foram acordadas na reunião de 1 de Junho em Viena entre os EUA, outros quatro membros do Conselho de Segurança da ONU (Grã-Bretanha, França, Rússia e China), a Alemanha e o chefe da diplomacia da União Europeia. Segundo os relatos noticiosos, a Rússia e a China concordaram que mesmo que não aprovem as sanções, não as bloquearão. A “ementa” de penalizações a impor se o Irão não aceitar o ultimato imposto pelos EUA vai desde o impor da proibição de viajar aos responsáveis iranianos a um embargo de armas. Um tal embargo poderia significar possivelmente definir um anel militar à volta do Irão. Nesse cenário, passo a passo, as sanções poderiam estabelecer as condições para a guerra, mesmo que as outras potências envolvidas se mostrem relutantes ou se oponham. Olhando retrospectivamente para a guerra desencadeada pelos EUA contra o Iraque, fica claro que a diplomacia, as sanções e as manobras no Conselho de Segurança da ONU, etc., não impediram a guerra, antes abriram caminho à sua ocorrência. Desta vez, o plano dos EUA delineado por Rice é tentar minimizar ao mesmo tempo as disputas públicas entre as grandes potências.

Um embargo de armas reduziria grandemente a capacidade de defesa do regime iraniano, dado que o país importa muito do seu armamento mais sofisticado da Rússia e da China. Mais geralmente, a República Islâmica do Irão é extremamente vulnerável à pressão externa porque a sua economia é demasiado dependente dos mercados mundiais. A enorme subida do preço do petróleo durante a última década não tornou o Irão economicamente mais independente, mas antes muito mais dependente das exportações de petróleo. As receitas do petróleo do Irão quase triplicaram desde 1997. São agora pelo menos três quartos das receitas do governo. Além disso, um bloqueio das importações, incluindo maquinaria e tecnologia, poderia incapacitar rapidamente toda a economia do Irão. Só essa ruptura debilitaria enormemente a capacidade militar do regime, para não falar das consequências para a sua estabilidade política. Embora a Rússia e a China tenham resistido a aceitar as sanções que os impedirão de comprar petróleo iraniano, as marinhas norte-americana e europeias nas águas do Golfo podem persuadi-los do contrário.

Quando imposto pelas armas, um embargo transforma-se num acto de guerra. É por isso que os embargos económicos rapidamente acabam por se tornar em acções militares. Na 1ª Guerra Mundial, a Alemanha atacou navios dos EUA que desafiavam uma proibição de remessas para a Grã-Bretanha e proporcionou assim aos EUA uma desculpa para entrarem na guerra quando já estavam preparados. Na 2ª Guerra Mundial,

um bloqueio dos EUA às entregas de petróleo ao Japão provocou o ataque japonês a Pearl Harbour. O embargo de uma década contra o regime de Saddam Hussein debilitou-o tanto, económica e militarmente, que o Iraque estava maduro para uma derrota mesmo antes de os EUA o invadirem. O embargo foi a primeira (mas não a única) arma de destruição em massa dos EUA. Isso não significa necessariamente que desta vez os EUA esperarão outra década de embargo.

### **As opções militares: a ocupação**

Se o EUA decidirem agir militarmente contra o Irão, a forma de ataque dependerá de muitos factores, incluindo as diferenças entre as grandes potências, a oposição das massas à guerra e à situação política em geral e a capacidade militar norte-americana.

Não há nenhuma dúvida que, para atingirem os seus objectivos estratégicos na região e no mundo, que requerem o controlo do Irão e a sua transformação em neocolónia dos EUA, os EUA prefeririam uma ocupação total do Irão – algo como a ocupação do Iraque ou pelo menos como a do Afeganistão. Mas é amplamente sabido que uma tal operação seria muito perto do impossível.

O exército dos EUA está atolado no Iraque e enfrenta crescentes dificuldades no Afeganistão. Nesta altura e pelo menos no futuro próximo, os militares norte-americanos estarão eles próprios sobrecarregados só a tentar evitar uma perda completa e o fracasso final no Iraque. Os planos para reduzir o número de tropas norte-americanas nesses dois países tiveram que ser abandonados. Os EUA têm as suas reservas militares extenuadas, figurativa e literalmente.

Além disso, o Irão é um país muito maior que o Iraque, com três vezes a sua população. O seu terreno desigual seria um obstáculo para os tanques norte-americanos e outra maquinaria militar dos EUA. Mesmo no mais favorável terreno do Iraque, o armamento dos EUA mostrou ser muito ineficiente para o tipo de guerra que as forças de resistência estão a levar a cabo.

Se, como dizem muitos analistas militares norte-americanos, os EUA precisarem de três vezes o número de soldados que têm actualmente no Iraque para passarem da ocupação a um verdadeiro controlo do país, então, extrapolando isso para o Irão, pareceria que os EUA simplesmente não têm o que é necessário para atingirem directamente os seus objectivos no Irão, apesar das ameaças arrogantes do governo Bush.

Num importante apelo aos seus congéneres imperialistas norte-americanos intitulado “Não ataquem o Irão” (*International Herald Tribune*, 26 de Abril), o antigo Conselheiro norte-americano para a Segurança Nacional, Zbigniew Brzezinski, avisou: “Embora os Estados Unidos sejam claramente preponderantes no mundo, não têm o poder – nem a inclinação interna – para impor e depois manter a sua vontade face a uma resistência dispendiosa e prolongada. Essa é certamente a lição aprendida nas suas experiências no Vietname e no Iraque.” Se, de qualquer modo, os EUA prosseguirem e vierem a atacar o Irão, ele avisa: “a era da preponderância norte-americana pode vir a ter um fim prematuro”.

Para se entender o ponto de vista de Brzezinski, devemos recordar que, durante a revolução iraniana de 1979, ele era um “defensor do punho de ferro” que exigiu ao Xá que “esmagasse” e matasse tanta gente quanta necessária para se manter no poder. (Veja-se *The Iranian Revolution: An Oral History* [A Revolução Iraniana: Uma História Oral], de Henry Precht, nessa altura chefe do Gabinete sobre o Irão do Departamento de Estado dos EUA). Brzezinski tomou essa posição em grande parte por causa do interesse dos EUA em usarem o regime do Xá para ajudar a conter a União Soviética. A sua actual posição face ao Irão não é menos motivada pela sua concepção dos interesses globais do império dos EUA.

A preocupação de Brzezinski com a questão da “vontade interna” parece ser uma referência à necessidade da mobilização norte-americana em massa para duplicar, triplicar, ou mais, o seu número de tropas. Isso poderia activar uma enorme alteração da situação política interna que o governo Bush enfrenta. Embora reconhecendo que seria mesmo politicamente muito difícil agora, o próprio Brzezinski aponta uma possível

solução para esse problema: “Se houver outro ataque terrorista nos Estados Unidos, podem apostar até aos vossos últimos dólares que também haverá acusações imediatas de que o Irão é o responsável, de forma a gerar uma histeria pública favorável a uma acção militar.”

Estas reais dificuldades da situação nos EUA deram lugar a diferenças reais dentro da classe dominante dos EUA sobre como abordar a questão do Irão.

### **Um ataque militar contra o Irão**

Uma outra opção publicamente discutida nos EUA é um ataque militar às instalações nucleares iranianas e a alvos militares e políticos seleccionados. Isso está incontestavelmente dentro das capacidades dos EUA, apesar das suas debilidades. Seria o tipo de guerra de que os EUA gostam, baseando-se no seu poderio económico e tecnológico (“a morte vinda de cima”) num combate extremamente desigual. A questão é, o que é que se ganharia política e militarmente com essa acção?

Muitos estrategas imperialistas dizem que seria fácil desferir um revés devastador ao programa nuclear do regime islâmico usando apenas mísseis e/ou aviões. Mas, em primeiro lugar, esse programa não é a principal preocupação dos EUA. Em segundo lugar, mesmo que essa preocupação fosse real, os EUA sabem muito bem que o Irão não está de modo algum próximo de produzir armas nucleares. Esse tipo de ataque poderia infligir golpes políticos e militares ao regime iraniano, mas provavelmente não atingiria directamente os objectivos norte-americanos no Irão e na região. A ideia de que poderia ajudar a derrubar o regime parece irrealista. Na realidade, poderia ajudar os círculos do poder no Irão a cerrar fileiras. Um tal ataque poderia ajudar o isolado regime a obter mais apoio popular numa base nacionalista.

Além disso, o que se pretendia ser uma acção limitada poderia não permanecer necessariamente limitado, porque os EUA poderia ter que enfrentar a vingança do regime iraniano noutras áreas. Por exemplo, poderia tentar bloquear o Estreito de Ormuz, pelo qual passa diariamente o petróleo da região, ou atingir bases dos EUA na região, ou tentar retaliar através dos seus aliados no Iraque, no Afeganistão ou no Líbano. Um ataque aéreo a alguns alvos poderia muito bem tornar-se num conflito militar total entre o Irão e os EUA. E, pior para os EUA, poderia inflamar todo o Médio Oriente, criando uma situação muito para além da capacidade militar dos EUA de lidar com ela – embora se possa argumentar de novo que, para os EUA, obter a hegemonia na região é uma proposta de “tudo ou nada”.

Finalmente, um ataque limitado contra o Irão – em oposição a um golpe decisivo – poderia aumentar a tensão entre os imperialistas. Já tem havido discordância entre as grandes potências sobre se, quando ou como atacar o Irão. No caso da guerra do Iraque, a oposição das classes dominantes europeias foi silenciada quando os EUA desencadearam uma invasão total e forçaram as outras potências a aceitar o domínio norte-americano como facto consumado. Além disso, ao mesmo tempo que os ganhos militares e políticos de um ataque mais limitado ao Irão possam não atingir os objectivos dos EUA, o seu resultado incluiria provavelmente uma enfurecida oposição em massa à escala mundial. Tal como na preparação da guerra contra o Iraque, isso poderia interferir com os esforços das outras potências imperialistas para defenderem os seus próprios interesses enquanto não estiver resolvida a questão de quem controla o Irão.

### **Desmembrar o Irão**

Além das opções acima descritas, há outras formas possíveis de intervenção dos EUA que não são tão discutidas. Uma é a invasão de uma parte do Irão, numa tentativa de a cortar do resto do país. Nesse cenário, a província sul do Irão, o Khuzestão, poderia ser o mais provável alvo dos EUA. A maior parte dos recursos petrolíferos do Irão está localizada no Khuzestão. Durante a guerra Irão-Iraque dos anos 80, a tomada do Khuzestão foi o objectivo estratégico de Saddam – e que os EUA encorajaram.

O Khuzestão tem importantes vantagens para os EUA de um ponto de vista militar. Tem uma longa fronteira com o Iraque e o terreno é plano, pelo que uma invasão militar norte-americana poderia ser preparada e

levada a cabo de um modo relativamente rápido. É um pequeno passeio desde Baçorá, a principal cidade do sul do Iraque, até Ahvaz, a capital do Khuzestão. Os EUA poderiam levar a cabo esse tipo de invasão parcial em nome da “estabilização” do Iraque. Para reduzir o custo político dessa jogada, os EUA estão já a construir um caso contra o Irão por interferência nos assuntos do Iraque. (Não importa que os partidos xiitas iraquianos apoiados pela República Islâmica do Irão sejam todos membros do governo de ocupação instalado pelos EUA. Os EUA acusam mesmo o Irão de “armar os terroristas” no Iraque, embora não haja nenhuma evidência ou sequer alguma lógica nessa afirmação. É inconcebível que o regime xiita iraniano dê qualquer apoio às forças sunitas anti-ocupação.)

Uma ocupação norte-americana da província do Khuzestão faria mais que infligir uma séria pressão económica sobre o regime iraniano, provavelmente paralisando-o e acelerando a sua queda. Também poderia funcionar como uma cunha introduzida nas fendas criadas pela opressão étnica em todos os cantos do Irão. Cerca de metade da população do país é constituída por nacionalidades oprimidas pelo governo central, o qual representa sobretudo a nacionalidade persa dominante. Os EUA poderiam justificar uma invasão alegando que estariam a ajudar a população maioritariamente de etnia árabe da província, dizendo que teria “convidado” os EUA para virem em seu socorro.

No seu artigo na revista *New Yorker* sobre os preparativos dos EUA para invadirem o Irão (17 de Abril de 2006), o jornalista Seymour Hersh escreveu: “Foi-me dito por um conselheiro governamental com fortes ligações a civis no Pentágono, que as unidades também estavam a trabalhar com grupos das minorias do Irão, incluindo os azeris, no norte, os baluchis, no sudeste, e os curdos, no nordeste.” O carácter inflamável das nacionalidades minoritárias do Irão foi de novo visto em Maio nos protestos em massa que explodiram na província do Azerbaijão em resposta às caricaturas de um jornal que descrevia os azeris como baratas estúpidas. Também tem havido incidentes no Baluchistão durante os últimos meses. E já há algumas forças curdas iranianas a seguir o caminho tomado por Jalal Talabani e Massoud Barzani, os líderes curdos iraquianos que se tornaram nos mais fiéis aliados dos EUA no Iraque. Esses líderes curdos iranianos têm visitado regularmente os EUA e participado em discussões em *think-tanks* sobre a política externa norte-americana.

Ahvaz tem sido palco de distúrbios há mais de um ano. Indubitavelmente, tem havido genuínos protestos em massa contra as medidas repressivas do regime de Teerão, mas os atentados em zonas urbanas sobrelotadas levantam questões sobre a natureza dos seus responsáveis. O regime islâmico tem acusado os EUA e a Grã-Bretanha de envolvimento. O facto de os informadores do governo norte-americano de Hersh não terem mencionado a minoria árabe do Irão não significa que os EUA não estejam também a trabalhar nessa frente.

Se a invasão se limitasse ao Khuzestão, poderia não necessitar de uma força militar tão grande. Mas não é claro se os EUA têm sequer capacidade para mobilizar tantos soldados adicionais. Além disso, é impossível prever o que poderia surgir exactamente de uma ocupação dessa região. Ainda poderia atrair os EUA para o tipo de circunstâncias desfavoráveis que tentam evitar.

### **Será uma ameaça oca o uso de bombas nucleares contra o Irão?**

A revelação de que o exército dos EUA está a discutir o uso de armas nucleares “tácticas” contra alguns alvos no Irão alarmou e chocou o mundo quando o artigo de Hersh foi publicado. O artigo também revelou que “aviões de combate norte-americanos com capacidade de carga têm vindo a fazer simulações de voos com bombas nucleares, dentro do alcance dos radares costeiros iranianos”.

Algumas pessoas rejeitaram isso como sendo apenas uma ameaça oca. Jack Straw, ministro dos negócios estrangeiros da Grã-Bretanha nessa altura, disse que toda essa ideia era simplesmente “louca”. Mas, louca ou não, a discussão é suficientemente real para que mesmo alguns políticos imperialistas como o Senador norte-americano Edward Kennedy tenham exigido publicamente que os EUA usassem apenas armas convencionais e não nucleares contra o Irão. Straw foi recentemente demitido, embora fosse um dos poucos ministros importantes do primeiro-ministro Tony Blair não envolvidos nalgum tipo de escândalo pessoal. A

imprensa britânica especulou que Straw tinha perdido o seu lugar por se ter recusado a abandonar a sua oposição pública à utilização de armas nucleares contra o Irão. George Bush tem-se recusado muito controladamente a prometer que os EUA não o farão. Como relatava o jornal britânico *Guardian* (4 de Maio), “quando lhe perguntaram o mês passado se as opções dos EUA em relação ao Irão ‘incluíam a possibilidade de um ataque nuclear’ se Teerão se recusar a parar o enriquecimento de urânio, Bush respondeu: ‘Todas as opções estão na mesa’.”

Quando o imperialismo norte-americano mostra deliberadamente os seus dentes, isso deve ser tomado a sério. Enfrentando uma contradição entre a sua ânsia em avançar para os seus objectivos no Médio Oriente e a sua incapacidade em mobilizar tropas suficientes para os atingir, poderia tentar solucionar esse problema do modo mais perigoso imaginável. O nuclear é uma “opção”, o nuclear está “na ementa” – os estrategas imperialistas usam palavras que parecem inocentes para descrever grandes crimes. Certamente que pelo menos algumas das forças no governo Bush e mais em geral na classe dominante dos EUA vêem o arsenal nuclear dos Estados Unidos como a forma de superar as suas limitações e de reafirmar a sua força como superpotência. A consequência poderia ser a morte imediata de centenas de milhares de pessoas e a morte lenta de muitas mais. Mas os governantes dos EUA já mostraram inúmeras vezes, de Hiroxima ao Vietname e ao Iraque que não temem banho de sangue nenhum, por maior que seja, desde que acreditem ser necessário para atingirem os seus objectivos e servir os seus interesses. Banhos de sangue é o que eles sabem fazer melhor. De facto, a arrogância dos responsáveis civis e militares dos EUA sobre a sua capacidade para esmagarem o regime iraniano baseia-se, pelo menos, na possibilidade de um ataque nuclear – como o próprio Bush claramente o diz.

### **III – O regime iraniano**

O regime iraniano mudou de rumo durante o último ano. Depois de anunciar que retomaria o enriquecimento de urânio, desafiando as ameaças europeias e norte-americanas de enviarem a questão ao Conselho de Segurança da ONU para possível acção, o Presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad disse: “Eles não podem fazer nada que nos atinja – eles precisam de nós mais do que nós precisamos deles.” Ele estava claramente a falar do petróleo iraniano e da sua influência sobre o poder xiita iraquiano e a organização Hezbollah no Líbano. A influência iraniana que está a ajudar a estabilizar a ocupação do Iraque e até certo ponto a situação no Líbano poderia também ser usada para piorar as coisas para os EUA. O aiatola Khamenei, líder supremo da República Islâmica do Irão, ameaçou que no caso de um ataque militar dos EUA, o seu país retaliaria com todos os meios à sua disposição em todo o mundo.

Depois do colapso das negociações entre o Irão e três países europeus (Grã-Bretanha, Alemanha e França) e do endurecimento da posição europeia, o Irão parece ter mudado a sua política, afastando-se da Europa e dos EUA e, em vez disso, está a tentar envolver o Leste, sobretudo a Rússia, contra o Ocidente. O Irão pediu recentemente para ser admitido no tratado de Xangai, um agrupamento económico e cada vez mais político, cujos principais membros são a Rússia e a China.

Além disso, os recentes discursos de Ahmadinejad foram deliberadamente provocatórios. Os seus comentários anti-Israel podem ser lidos a esta luz. E também os seus anúncios relativos ao progresso do programa nuclear do Irão. Embora a República Islâmica tenha insistido em que o seu único objectivo é produzir electricidade e não fabricar armas nucleares, as autoridades iranianas têm exagerado o seu progresso. Por exemplo, num momento crítico das negociações de Abril deste ano, o regime afirmou inesperadamente que tinha conseguido atingir um nível de enriquecimento de urânio de 4,8 por cento. Isso está muito longe do nível necessário para fabricar material para as bombas nucleares (que é próximo dos 90 por cento). Mesmo nisso, alguns peritos ocidentais suspeitaram que o regime tinha exagerado os seus feitos. Além disso, ao mesmo tempo que o regime alegava ter usado com sucesso 164 centrifugadoras a trabalhar em cascata, houve relatos de que as máquinas se desfizeram e partiram no decorrer do enriquecimento. Mesmo assim, o regime anunciou que poria cerca de 5000 centrifugadoras a trabalhar. Procurava deliberadamente criar a impressão de que podia fabricar rapidamente uma enorme quantidade de material de

fissão. A ameaça do regime de abandonar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear parece ter seguido a mesma lógica.

A comunicação social ocidental atribuiu a recente posição do regime iraniano ao recém-eleito Ahmadinejad. Embora possa haver algo de verdade nisso, a mudança é sobretudo uma reacção de toda a classe dominante iraniana à nova situação no Médio Oriente. Tem a ver com as preocupações partilhadas por todas as diversas facções do regime. Quaisquer que sejam as diferenças que possam ter, elas cerraram fileiras face às ameaças dos EUA e à atitude mais dura da União Europeia face ao Irão. Os desafios e as provocações de Ahmadinejad que as potências ocidentais têm usado para o satanizar são um produto dessa mudança e não a sua causa.

Consequentemente, a classe dominante do Irão optou por assumir uma posição desafiadora face ao Ocidente e ameaçar vingar-se. Parecem acreditar, ou pelo menos esperar, que por causa dos seus problemas no Iraque e no Afeganistão, os EUA não estão actualmente em condições de atacar o Irão. Mas dada a atitude norte-americana em relação à República Islâmica, também parecem sentir que se, mesmo assim, os EUA estiverem determinados a atacar, o melhor seria provocar os EUA e acelerar esse processo. Como os EUA estão agora numa situação enfraquecida, parecem eles pensar, se é para haver uma guerra, é melhor tê-la agora, antes que os EUA se consigam libertar do Iraque.

O regime iraniano chegou à conclusão que os EUA não vão aceitar a sua sobrevivência na sua actual forma. Os EUA rejeitaram a facção de Khatami que tinha uma abordagem muito mais conciliatória face ao Ocidente. Os Estados Unidos nem sequer deram apoio verbal a Mohammad Khatami e aos seus chamados reformistas, quando a maioria dos seus candidatos ao parlamento foi pura e simplesmente eliminada pelo Conselho de Guardiães, uma organização conservadora de mulás que tem por missão vigiar a pureza islâmica das eleições, entre outras coisas. Nem mesmo depois de semanas de protestos passivos frente ao Parlamento e de outras formas de protesto, os EUA apareceram em auxílio de Khatami. Nem houve muitos protestos ocidentais contra a muito noticiada fraude nas últimas eleições presidenciais, das quais Ahmadinejad saiu vitorioso.

A República Islâmica do Irão está provavelmente a contar com as seguintes vantagens:

- 1 – Os EUA estão atolados no Iraque e apanhados na situação em deterioração no Afeganistão.
- 2 – Os mulás podem cerrar agora as suas fileiras e reduzir as crónicas lutas internas que atingiram um ponto alto nos últimos anos com as notícias de assassinatos mútuos, que os puseram à beira da paralisia.
- 3 – Numa altura em que estão mais isolados dos habitantes do país que nunca, eles esperam que a guerra ou a ameaça de guerra lhes permita mobilizar as massas para o seu lado, com base no orgulho e na soberania nacionais. Esta é a tática que têm vindo a utilizar para assegurar a sobrevivência do seu regime durante os últimos 27 anos. Claro que a sua postura pública antiamericana não os impede de contar com os outros imperialistas e mesmo, nalguns momentos, de manter relações secretas com os EUA.
- 4 – Eles usariam essa guerra para intensificar os seus ataques às forças progressistas e revolucionárias e aos direitos dos povos e reprimiriam as mulheres, as nacionalidades minoritárias, os estudantes, os operários e outras lutas justas em nome da necessidade de unidade nacional. Poderiam colar a etiqueta da sabotagem instigada por forças estrangeiras a qualquer protesto ou luta.
- 5 – Eles poderiam usar a situação para propagar a revolução islâmica na região. O regime teocrático do Irão tem sofrido uma crise após um quarto de século de opressão e muita gente está desiludida e farta dele. A subida ao poder do clero xiita no Iraque – graças aos EUA – veio até certo ponto em socorro da teocracia islâmica. (Uma piada que circula em Teerão por estes dias: dado que o exército norte-americano trouxe as repúblicas islâmicas ao Afeganistão e ao Iraque, por é que eles se incomodam em invadir o Irão?) Mas isso

não resolveu a crise do Irão. A RII está a tentar, através do seu confronto com os EUA, gerar apoio entre o povo e sobretudo entre os jovens dos países islâmicos da região.

6 – Também desta forma, eles estão a tentar conquistar o apoio de pelo menos alguns sectores do movimento contra a guerra no Ocidente.

7 – Adoptando essa política, eles querem encontrar um refúgio para si próprios nas divisões entre os imperialistas, particularmente entre os EUA e a Rússia – por outras palavras, querem “jogar a carta russa”. É nisso que o regime islâmico pode estar a contar como sua vantagem ou salvação se os EUA atacarem o Irão.

Em suma, uma grande parte das provocações de Ahmadinejad tem sido destinada a consumo interno. A classe dominante iraniana está a tentar usar a situação para salvar o seu regime e sair da situação mais difícil em que se encontram desde a revolução.

Um relatório do Professor Paul Rogers, *Iran: Consequences of a War* [Irão: Consequências de uma Guerra], publicado pelo Oxford Research Group, explica que o Irão não conseguiria impedir um ataque aéreo dos EUA, uma vez que tem um sistema limitado de defesa aérea. Mas ele acredita que o Irão tem um grande arsenal de outras possíveis respostas.

“Poderia: encorajar acções retaliatórias contra Israel do grupo Hezbollah baseado no Líbano, que tem mísseis capazes de atingirem Haifa e várias outras cidades israelitas; fechar o Estreito de Ormuz, uma das principais rotas de acesso do petróleo do Golfo; enviar unidades paramilitares iranianas para estados como o Kuwait, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos; ou ordenar aos Guardas Revolucionários iranianos que incrementem as suas ligações aos insurrectos do Iraque.” (*Guardian*, 13 de Fevereiro de 2006)

Enquanto o regime islâmico conta com esta situação para mobilizar um grande sector da população e nessa base reprimir a justa luta popular contra o regime teocrático, os EUA também estão a contar com o ódio das massas ao regime islâmico. Eles esperam que o povo iraniano se coloque sob a sua asa, saudando os ataques dos EUA e desenrolando um tapete vermelho à frente dos soldados e generais norte-americanos. Essa esperança pode vir a ser ainda mais infundada que a que os analistas dos EUA tinham esperado do povo iraquiano na véspera da invasão norte-americana.

Muitos iranianos, sobretudo os jovens, estão fartos do regime teocrático e à procura de uma vida melhor, de uma forma alternativa de vida. Alguns sectores do povo podem estar entusiasmados com a única alternativa que vêem nos filmes ocidentais a que assistem na televisão por satélite, mas muitos também já viram como esse modo de vida mostrado nos filmes e nas séries de televisão foi aplicado no Iraque.

Além disso, o povo iraniano viveu a amarga experiência do golpe de estado patrocinado pela CIA em 1953 que derrubou o governo nacionalista de Mohammad Mossadegh e trouxe de volta o fantoche dos EUA, o Xá Reza Pahlavi. O povo não perdoará nem esquecerá o que teve que suportar durante esses 25 anos de sanguinária monarquia absoluta. Também muitos iranianos acreditam que o regime islâmico chegou ao poder com a ajuda dos EUA. Há algo de verdade nisto. Para evitar o alastrar da revolução iraniana de 1979, os EUA fizeram um acordo com os mulás numa reunião secreta organizada pelo General norte-americano Huizer que liderava uma missão em nome do presidente Jimmy Carter. Os EUA deixaram os mulás chegar ao poder porque tiveram medo que, se a revolução continuasse, desse lugar ao crescimento de forças mais radicais, entre elas os comunistas. A desconfiança face aos EUA está fortemente arraigada entre o povo iraniano, não porque o regime islâmico tenha pregado o antiamericanismo, mas pelo contrário, porque muita gente pensa que o regime é um produto dos imperialistas.

Isso foi bem compreendido por algumas pessoas nos *think-tanks* imperialistas. Por exemplo, Ken Pollack, antigo analista da CIA e perito sobre o Irão da Brookings Institution, em Washington, escreveu que embora muitos iranianos tenham uma atitude positiva face aos EUA, eles ainda se lembram da sua história. A grande maioria sabe do derrube de Mossadegh e da missão de Huizer em 1979. Ele acha que isso torna improvável

que as pessoas tomem o partido dos EUA contra o regime, no caso de um ataque norte-americano ao Irão. (BBC / Página internet em persa)

Os EUA também estão a tentar influenciar alguns dos movimentos de oposição, sobretudo entre as nacionalidades minoritárias. Podem vir a ter algumas hipóteses entre algumas forças mais retrógradas. Mas em geral elas não parecem constituir uma força considerável, como foi o caso dos curdos no Iraque ou dos senhores da guerra no Afeganistão.

O regime iraniano, por sua vez, tem feito muito pouco para preparar as massas para uma possível guerra. Isso mostra que não vê esse ataque como muito provável e, em segundo lugar, que está a tentar esconder ou minimizar as notícias sobre um possível ataque dos EUA ao Irão, para evitar o pânico. A República Islâmica não tem nenhum plano para confiar nas massas ou para as proteger. O seu plano é usar as massas como carne para canhão em caso de ataque dos EUA e fazer tudo o que puder para se salvar. Eles estão dispostos a sacrificar tudo, incluindo o povo e o país, pela sua sobrevivência.

## **IV – Os planos dos EUA e as suas contradições**

Os planos dos EUA em relação ao Irão e a essa região já foram discutidos nesta série de artigos, mas vale a pena examinar em mais detalhe dois dos vários problemas que enfrentam.

O primeiro é a oposição das massas do mundo bem como do seu próprio país. Os povos do mundo e dos EUA já souberam das mentiras sobre as armas de destruição em massa. Desde o início da guerra no Iraque que mais gente tem compreendido os objectivos e as intenções do governo Bush. As coisas não vão bem para os EUA e seus aliados e o inferno que a ocupação liderada pelos norte-americanos criou ao povo iraquiano está aí para ser vista por quem tenha olhos. Isto tornará mais difícil fazer com que as pessoas engulam mais falsidades norte-americanas.

Além disso, uma nova geração de jovens politizados e que se opõem, entre outras coisas, às guerras de agressão, emergiu na vida política dos países ocidentais e do mundo em geral. Nas vésperas da invasão do Iraque, uma estudante de Londres exprimiu o seu sentimento de “devastação sobre o caminho que a política mundial está a seguir”. Essa foi uma declaração muito sincera e forte que representa os sentimentos de muita gente. Depois, há os milhões de jovens e outras pessoas dos países oprimidos, sobretudo dos que são predominantemente muçulmanos, que estão ultrajados e enfurecidos com a subjugação e a humilhação norte-americanas.

A outra preocupação principal dos EUA é fazer com que todas as outras grandes potências alinhem no seu plano, ou pelo menos que o aceitem. Porém, isso também pode vir a não ser tão fácil. As diferenças entre elas não são apenas diferenças de perspectivas mas reflectem interesses contraditórios. No ano passado, os EUA conseguiram formar com a Europa uma frente diplomática unida contra o Irão, num acordo de bastidores. O seu conteúdo nunca foi tornado público, mas não é difícil adivinhar que o acordo envolveu negociações à custa dos povos. Contudo, até agora, os EUA não conseguiram obter o grau de aceitação que queriam da Rússia e da China (que não é um país capitalista monopolista / imperialista, mas tem os seus próprios interesses de grande potência). A Rússia e a China recusaram-se a assinar uma proposta de resolução que poderia ter imposto sanções imediatas ao Irão. John Bolton, o embaixador dos EUA na ONU, ameaçou que “os EUA e os seus aliados europeus poderiam avançar sozinhos com as sanções” (*Guardian*, 4 de Maio). No caso de haver sanções contra o Irão, a Europa também será uma grande perdedora. Confiará ela nos EUA para a compensar adequadamente e satisfazer o que ela entende serem os seus próprios interesses no Médio Oriente?

Além disso, a cooperação entre os EUA e a UE não durará necessariamente para sempre, e a sua cooperação até agora não significa necessariamente que alinhará totalmente com os EUA na guerra. Há sinais de oposição ou pelo menos de discordância entre a Europa e os EUA relativamente ao uso de força contra o Irão – se, quando e como deve ser usada. Afinal, no essencial, as grandes potências europeias estão muito

pouco ansiosas por verem os EUA atingirem os seus objectivos de tornar o Irão numa praça-forte norte-americana na região. Os EUA tentaram mantê-las do seu lado alegando que uma vez que elas não conseguem impedir os EUA, seria melhor juntarem-se a eles. Se se opuserem a um ataque dos EUA ao Irão, elas temem vir a ser completamente esquecidas quando chegar a altura de dividir os despojos, incluindo os contratos de petróleo e a influência.

A Grã-Bretanha, por causa dos seus interesses económicos e políticos muito ligados aos EUA, é algo diferente da Europa continental. O primeiro-ministro Tony Blair tem apoiado Bush, recusando-se a afastar a hipótese de um ataque ao Irão. Contudo, nem mesmo depois da demissão do Secretário britânico dos Negócios Estrangeiros, Jack Straw, que defendia publicamente que um ataque militar contra o Irão era “inconcebível”, essa ideia está de modo algum isolada entre a classe dominante britânica ou mesmo no próprio governo Blair. A França, embora endurecendo o seu tom contra o Irão, acentuou a sua oposição a uma acção militar. O primeiro-ministro francês Dominique de Villepin disse numa conferência de imprensa a 4 de Maio: “A minha convicção é que uma acção militar não é a solução” (*Guardian*). A Alemanha tomou uma posição ainda mais cautelosa contra uma acção militar contra o Irão. Um jornalista do *International Herald Tribune* escreveu: “Contudo, com muitos alemães e outras pessoas alarmadas com os relatos de que os EUA encaram um possível ataque militar a instalações nucleares iranianas, [a chanceler alemã] Merkel enfatizou a necessidade de uma diplomacia paciente. ‘É crucial, se queremos ver este assunto tornar-se num sucesso diplomático, fazer isto de facto numa base do passo a passo’, disse ela. ‘Muito frequentemente, são feitas tentativas para apressar os assuntos para, de facto, esvaziar o que deveria estar apenas no fim do processo.’” (5 de Maio de 2006)

A chanceler alemã foi deliberadamente ambígua. Por um lado, ela parece estar a dizer, sim, precisamos de uma guerra, mas não ainda. Por outro lado, ela pode estar a tentar usar a unidade com os EUA na diplomacia como a única forma de fazer abrandar ou impedir um ataque. A diplomacia pode ser uma faca de dois gumes, tanto uma forma de os EUA obterem o apoio dos imperialistas europeus como uma forma de a Europa tentar influenciar os EUA.

Estas diferenças vão-se interpenetrar com os desenvolvimentos políticos à escala mundial que se seguirão a qualquer desencadear de uma nova guerra.

### **As diferenças dentro do poder político nos EUA**

Também há diferenças sobre a política face ao Irão dentro da classe dominante dos EUA. Elas são de uma natureza diferente e reflectem não interesses políticos ou económicos contraditórios mas antes disputas sobre que política e que abordagem serviria melhor no global os interesses do capitalismo monopolista norte-americano.

Quando George Bush, no seu discurso do Estado da União em 2001, incluiu o Irão no eixo do mal, ao lado do Iraque e da Coreia do Norte, todos os responsáveis em Washington aplaudiram entusiasticamente durante longos minutos. Contudo, embora a classe dominante dos EUA parecesse muito unida ao entrar na guerra contra o Iraque, as vozes de diferentes sectores dos círculos políticos imperialistas norte-americanos estão longe de formar um coro unido em relação à acção militar contra o Irão. Enquanto alguns estão a fazer pressão para um rápido início da guerra, outros sugerem uma abordagem mais cautelosa e ainda outros estão claramente a avisar para as suas consequências. As perspectivas opostas e os planos em relação ao Irão e à região estão a começar a aparecer na imprensa, motivados em grande grau pelos obstáculos que os EUA enfrentam no Iraque.

A verdade é que todas as facções estão unidas numa coisa: que a única questão que interessa resolver é como defender os interesses norte-americanos à escala mundial. Eles partilham o mesmo ponto de partida: os EUA têm que provocar mudanças dramáticas na situação do Médio Oriente, sobretudo no Irão, de forma a consolidarem e assegurarem o seu domínio mundial e a responderem a qualquer ameaça, seja dos povos

oprimido ou de outros imperialistas e forças reaccionárias – tudo em nome de protegerem a paz e a democracia.

As dissidências dentro dos círculos norte-americanos do poder ficaram aparentes com a publicação em Abril deste ano do artigo da revista *New Yorker* e de outros relatos que detalham os preparativos militares secretos dos EUA para atacarem o Irão. Essas fugas de informação tinham por objectivo assinalar a gravidade da situação a quem defendia a ideia de que a possibilidade desse ataque era demasiado forçada para ser levada a sério. Elas tiveram um grande impacto, alarmando as pessoas em todo o mundo.

Mas os conselheiros políticos dos EUA têm andado a flutuar a ideia desse ataque há já vários anos e a avisar que qualquer atraso pode ser contra os interesses norte-americanos. Por exemplo, no artigo “O Projecto Manhattan dos Mulás” que apareceu em Junho de 2003, imediatamente a seguir à invasão norte-americana do Iraque, Reuel Marc Gerecht do American Enterprise Institute argumentava que se os EUA se afastassem da ideia de desencadear rapidamente um “ataque preventivo contra as instalações nucleares do [Irão]... então acabou a doutrina do ‘eixo do mal’.” Muito significativamente, ele também dizia que os EUA deveriam enfrentar o facto de que um ataque aéreo poderia levar a uma guerra total com a duração de muitos anos porque, uma vez “ferido”, o regime iraniano poderia ficar ainda mais desesperado e perigoso ([aei.org](http://aei.org)). Gerecht repetiu recentemente essa ideia e disse que a probabilidade de um ataque aéreo ao Irão se tornar numa guerra total é uma das razões para os EUA se prepararem para essa guerra e não para a evitarem ainda mais (BBC / Página internet em persa, 9 de Abril).

Esse apelo à guerra está a ser crescentemente dirigido à opinião pública em geral. A nomeação por Bush de John Bolton como Embaixador dos EUA na ONU teve esse objectivo. Além de estar associado ao American Enterprise Institute, Bolton é conhecido como um defensor da mudança de regime. Ele era tão extremista na defesa de um confronto imediato com a Coreia do Norte que foi afastado da equipa de negociações dos EUA quando foi tomada a decisão de, em vez disso, perseguirem o Irão. Num discurso à convenção anual do Comité de Assuntos Públicos Americano-Israelitas, ele disse: “Quanto mais tempo esperarmos para enfrentar a ameaça que o Irão representa, mais difícil e intratável de resolver se tornará... Nós temos que estar preparados para aplicar soluções globais e usar todos os meios à nossa disposição para travar a ameaça que o regime iraniano representa.” (*Guardian*, 6 de Março) Uma “solução global” quer dizer o uso da força e “todos os meios à nossa disposição” inclui armas nucleares. No que diz respeito à alegada ameaça iraniana, mesmo que o Irão realmente tente produzir algumas bombas nucleares numa década ou duas, isso não é uma grande ameaça para os EUA ou para um mundo já ameaçado por mais de 25 000 ogivas nucleares nas mãos de comprovados belicistas. De facto, a ameaça de que ele fala é o obstáculo que a República Islâmica do Irão na sua actual forma representa para os interesses dos EUA no Médio Oriente e ao modo como a incapacidade de os EUA conseguirem até agora uma “solução global” tem incentivado o desafio dos seus rivais imperialistas aos interesses norte-americanos.

Um apelo semelhante veio de Newt Gingrich, um antigo líder do Congresso dos EUA e actual membro da Comissão de Política de Defesa do Pentágono: “Cada ano que aguardarmos, o risco aumenta... eu esperaria que a administração se decidisse a fazer algo de decisivo... Nós teremos o poder militar na região se precisarmos dele. É uma questão de sabermos se temos a determinação.” (*Washington Post*, 13 de Março)

Estas declarações públicas dos falcões desencadearam uma gama de diferentes graus de preocupação entre os representantes da classe dominante dos EUA. Alguns relatos sugerem que há diferenças entre o Pentágono e o Departamento de Estado. Por exemplo, uma comissão de relações exteriores do Parlamento britânico que este ano visitou Washington no início de Março “encontrou perspectivas apuradamente diferentes dentro da administração Bush. A mais extrema veio do Sr. Bolton. Segundo Eric Illsley, um membro trabalhista da comissão, a CIA parecia ser muito céptica em relação a uma solução militar e partilha a posição do Departamento de Estado, dizem os parlamentares britânicos, ao sugerir um aumento gradual da pressão sobre os iranianos. A posição do Pentágono foi descrita pelo presidente da comissão, Mike Gapes, como a de lançar a exigência de um embargo imposto militarmente ao Conselho de Segurança ‘como uma granada de mão – para ver o que é que acontece’.” (*Guardian*, 6 de Março)

O semanário britânico *The New Statesman* acredita que “as armas nucleares, contudo, são uma outra questão. Se elas podem ser usadas contra o Irão é uma questão crítica na luta que decorre entre os pragmatistas da política externa e os fanáticos ideológicos. Washington está dividida entre estes dois campos... Mesmo Condoleezza Rice, a Secretária de Estado, está em desacordo com Donald Rumsfeld, o Secretário da Defesa.” Um dos mais fortes indícios de dissidência apareceu numa carta aberta assinada por vários antigos ministros dos negócios estrangeiros ocidentais, incluindo a ex-Secretária de Estado dos EUA, Madeleine Albright. Avisava: “A administração Bush pode estar a planear activamente desencadear em breve ataques militares contra possíveis instalações de armas nucleares do Irão... É duvidoso que um ataque aéreo ‘cirúrgico’ possa ter sucesso na destruição total dos recursos nucleares do Irão, ao mesmo tempo que uma vasta invasão e ocupação militar do país é amplamente reconhecida como irrealizável... Os potenciais riscos do uso da força são suficientemente sérios para que nós apelemos aos EUA que, em vez disso, procure primeiro uma corajosa opção não militar.”

A preocupação com a pressa numa acção militar foi levantada publicamente mesmo dentro do próprio Partido Republicano de Bush pelos Senadores Republicanos Sam Brownback e Richard Lugar e pelo ex-Secretário de Estado Adjunto Richard Armitage.

Uma fonte de oposição particularmente forte tem sido Zbigniew Brzezinski, Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter e uma importante figura entre os decisores imperialistas dos EUA, em especial durante a Guerra Fria. Numa conferência pública em Abril em que avisou directamente o Presidente Bush e a sua clique sobre consequências e perigos, argumentou: “há quatro razões imperiosas contra um ataque aéreo preventivo às instalações nucleares iranianas”. Uma é que, uma vez que o Irão está a anos de produzir uma bomba, não há nenhuma “ameaça iminente”. A segunda é que, dada a situação dos EUA no Iraque e a capacidade iraniana de encaixar numa região já difícil, “um conflito com eles faria o desastre do Iraque parecer trivial”. A terceira é que haveria outra crise petrolífera e “a economia mundial seria severamente atingida, com a América a ser acusada disso”. A quarta é que “a América tornar-se-ia alvo do terrorismo com uma probabilidade ainda maior, com a maior parte do mundo a concluir que o apoio da América a Israel é a principal causa do crescimento do terrorismo. A América ficaria ainda mais isolada.”

E concluiu: “Em suma, um ataque ao Irão seria um acto de loucura política, pondo em marcha uma progressiva convulsão nas questões mundiais. Com os EUA a serem cada vez mais objecto de uma hostilidade difundida, a era da preponderância norte-americana poderia mesmo vir a ter um fim prematuro. Embora os Estados Unidos sejam claramente preponderantes no mundo actual, não têm nem o poder nem a inclinação interna para impor e depois manter a sua vontade face a uma resistência prolongada e dispendiosa. Essa é certamente a lição aprendida nas suas experiências no Vietname e no Iraque.” (*Tribune Media Services*, 26 de Abril)

O próprio Brzezinski acredita na validade estratégica dos dois argumentos fundadores da política de Bush que ele critica taticamente. Numa conferência anterior em Outubro de 2003, ele disse: “No caso do Irão também é do nosso interesse o enfraquecimento do despotismo teocrático”. Ele também reconheceu que a velha ordem mundial que emergiu da Guerra Fria já não é aceitável e que seria errado procurar a paz e a estabilidade antes de uma nova ordem estar consolidada. “Nós vamos viver num mundo inseguro. Não o podemos evitar. Temos que aprender a viver nele com dignidade, idealismo e firmeza.” (Comentários feitos na Conferência Novas Estratégias Norte-Americanas para a Segurança e a Paz, *The American Prospect Online*, 31 de Outubro de 2003).

De facto, quaisquer que sejam os perigos, a necessidade de uma redivisão do mundo é uma força determinante que impele o imperialismo norte-americano a desencadear guerras, sobretudo, agora, no Médio Oriente, o centro de qualquer redivisão global.

Depois do colapso do bloco soviético, a divisão do mundo baseada na anterior situação não consegue satisfazer um imperialismo norte-americano que emerge como a única superpotência militar. Como escreveu Lenine, o capitalismo desenvolve-se desigualmente e isso origina continuamente desafios à divisão do mundo existente, da parte de imperialistas rivais que procuram ampliar as suas esferas de influência e

assegurar superlucros para o seu capital exportado. Os EUA procuram assegurar o seu predomínio antes de virem a ser ameaçados por outras forças imperialistas. O surgimento da União Europeia, o possível reaparecimento da Rússia como potência influente e as ameaças à posição dos EUA no mundo vindas de imprevisíveis alianças imperialistas anti-EUA, são o que está por trás do raciocínio dos que insistem no apressar da guerra contra o Irão. Face às críticas suscitadas pelos problemas que os EUA enfrentam no Iraque, eles alegam que a única forma de afastar os obstáculos ao domínio norte-americano do Iraque é derrubar o regime do Irão. A necessidade de reestruturar o Médio Oriente é tão crucial no seu projecto de consolidação da hegemonia global norte-americana que os governantes capitalistas monopolistas dos EUA estão dispostos a arriscar muito – mesmo a “preponderância norte-americana” na sua actual forma – e a seguir a lógica do “tudo ou nada”. É realmente verdade que Bush e a sua clique estão dementes, que estão a brincar com o fogo e a ameaçar mergulhar o mundo inteiro nas labaredas da guerra, mas essa demência segue a lógica do capitalismo na sua fase imperialista.

Embora haja uma grande pressão que obriga o imperialismo norte-americano a apressar uma solução militar para os seus problemas no Irão e no Médio Oriente, antes que seja “demasiado tarde” para eles, seria um erro ignorar completamente as contradições e limitações que ele enfrenta e as tendências opostas que surgem da sua compreensão dessas contradições e limitações.

Por exemplo, como salientaram Brzezinski e Albright, entre outros, embora um ataque militar esteja certamente dentro da capacidade do imperialismo norte-americano, os seus resultados, nessa região explosiva, poderiam facilmente ir muito além da capacidade de quem quer que seja para os controlar. O impacto poderia ser a uma escala mais vasta que uma guerra total contra o Irão. O seu resultado imprevisível é exactamente o que preocupa os pensadores imperialistas que alegam que um ataque ao Irão seria “um acto de loucura política” que poderia muito bem fazer chegar ao fim a “era da preponderância norte-americana”.

Final, os EUA não conseguiram atingir os seus objectivos na guerra da Coreia durante os anos 50. Como indica Brzezinski, os EUA estavam determinados a vencer no Vietname. Enviaram mais do dobro do que o número de tropas actualmente no Iraque e estenderam a guerra ao Camboja, mas isso não os salvou de uma derrota às mãos dos povos da região, com o movimento contra a guerra, sobretudo entre as forças armadas dos EUA, a desempenhar também um papel fundamental.

As consequências dessa derrota humilhante foram ficando mais evidentes à medida que o tempo passou. Facilitou o avanço do social-imperialismo soviético (socialista nas palavras mas capitalista-imperialista na realidade) à escala mundial. Também contribuiu para o surgimento de uma nova geração de activistas anti-imperialistas, muitos dos quais se juntaram ao movimento comunista, e deu um ímpeto vital às lutas populares revolucionárias em todo o mundo. Essa derrota foi um grande golpe na credibilidade da tirania norte-americana e um golpe ainda maior na confiança e na capacidade do imperialismo norte-americano para levar a cabo outra guerra como a do Vietname. Durante anos, o “espectro” do Vietname tirou o sono aos imperialistas norte-americanos. Fez com que demorasse décadas até recuperarem a sua confiança e isso só ocorreu depois do colapso do bloco soviético. A sombra da sua derrota no Vietname ainda obscurece os céus do imperialismo norte-americano.

Contudo, apesar dos seus esforços para exorcizarem essa memória e para evitarem ficar atolados em guerras locais, os EUA enfrentam agora os mesmos problemas no Afeganistão e no Iraque. A principal diferença, e uma diferença que é extremamente importante, é que as forças envolvidas na resistência iraquiana são muito diferentes e têm sérias fraquezas intrínsecas. Por causa da preponderância de forças reaccionárias muito recuadas, essa resistência não tem conseguido unir o povo e confiar no seu apoio organizado e continuado e, de facto, nem sequer o tenta fazer, apesar do muito que o povo odeia a ocupação. A recusa do povo em ajudar os ocupantes é a principal razão por que os EUA recorrem à tortura e tentam aterrorizar a população no seu todo. Mesmo assim, os EUA parecem estar a enfrentar uma guerra prolongada nesses dois países. Quando os imperialistas preocupados como Brzezinski recordam o Vietname e avisam que, no Irão, “os Estados Unidos não têm nem o poder nem a inclinação doméstica para impor e depois manter a sua vontade face a uma resistência prolongada e dispendiosa”, eles estão a referir-se, entre outras coisas, ao perigo de uma instabilidade política nos próprios EUA.

Embora não estejam alheados desses perigos, os imperialistas norte-americanos no seu conjunto, sobretudo os que estão agora no governo norte-americano, parecem sentir que a guerra é a única forma de romper decisivamente com o “síndrome do Vietname”. Eles parecem acreditar que o colapso do bloco soviético e a sua situação sem paralelo como única superpotência lhes dá a oportunidade e suficiente ânimo para verem a sua campanha pela hegemonia mundial atingir os seus objectivos. Esse resultado, acreditam eles, seria mais que compensador dos seus custos. É uma questão de vida ou morte para o imperialismo norte-americano.

Em suma, o que é certo é os EUA já terem começado a sua marcha para assegurarem a hegemonia em todo o mundo. Começaram por ocupar o Afeganistão e o Iraque e, enquanto puderem, certamente não vão parar a meio caminho. Eles estão à espera da oportunidade mais próxima possível para darem o que esperam sejam passos ainda mais decisivos. Entretanto, tentam avidamente neutralizar as forças adversárias, por exemplo unindo-se a forças imperialistas rivais e intimidando as massas da sua “pátria” e por aí adiante, ao mesmo tempo que aumentam a pressão sobre o seu próximo alvo: o Irão. O resultado final depende do desenvolvimento dos muitos e diferentes factores envolvidos nesta situação complexa. Certamente que um factor muito importante é a reacção e a orientação das massas populares dos vários países. Isso requer que os revolucionários e os comunistas participem activamente e dirijam, ao mais alto grau possível, a resistência contra a “loucura” e o terrorismo que os imperialistas se estão a preparar para desencadear.

## **V – O que os povos precisam de fazer**

O resultado de uma guerra “preventiva” dos EUA contra o Irão poderia ser a morte e a destruição em larga escala, mesmo que a guerra se venha a manter dentro das fronteiras do Irão. Dada a grande determinação dos EUA em reestruturarem o Médio Oriente e as necessidades que os compelem a fazê-lo, o mundo deve estar preparado.

Os falcões já estão a usar todas as oportunidades para se prepararem política e militarmente. Os povos do mundo e as suas organizações políticas, entre as quais as forças maoistas, também precisam de começar já a preparar-se politicamente.

Uma grande parte dessa preparação passa pela clarificação e pela luta por uma correcta orientação. Isto quer dizer uma orientação que, porque reflecte a realidade e os interesses dos povos do mundo, consiga unir todos os que possam ser unidos, de modo a defender esses interesses durante aquela que será sem dúvida uma situação política complexa e confusa.

Concentrar-nos-emos aqui em duas questões chave: a questão de como avaliar o perigo de uma nova guerra e a questão dos amigos e inimigos na oposição a essa guerra.

### **É real o perigo de uma nova guerra? E inevitável?**

Um grande obstáculo ao movimento contra a guerra tem sido uma tendência para menosprezar ou negar o perigo da intervenção dos EUA no Irão. É verdade que os EUA estão atolados no Iraque e no Afeganistão e que também enfrentam outros obstáculos a uma nova guerra, como esta série de artigos tentou mostrar. Mas seria um grave erro tornar essas fraquezas em algo absoluto. A determinação da classe dominante norte-americana em se expandir e assegurar o seu domínio mundial pode impeli-la a assumir o que considera riscos necessários. Ela tem alguma capacidade de manobra. É isso que está a usar agora ao, por exemplo, usar a diplomacia, não para evitar a guerra mas para minimizar a oposição popular e das outras principais potências. É importante que percebamos o desespero e a crueldade do imperialismo norte-americano e a sua comprovada disposição para massacrar tanta gente quanta achar necessária.

Outra ideia incorrecta, aparentemente oposta mas muito relacionada com essa, é a do pânico face à ameaça norte-americana e a alegação de que nada pode ser feito para impedir outra guerra.

Pode argumentar-se, por exemplo, que o movimento contra a guerra não impediu a invasão norte-americana do Iraque em 2003. Mas, como dizia nessa altura um artigo do Serviço Noticioso AWTW de 14 de Abril de 2003, “A violação norte-americana do Iraque provou uma vez mais que ‘o poder político está na ponta da espingarda’. Mas a opinião pública também *tem importância* e pode ajudar a transformar toda a situação da guerra. Durante a guerra do Vietname, um poderoso movimento em todo o mundo e nos próprios EUA desempenhou um papel fundamental na derrota dos imperialistas norte-americanos.”

“Em quase todos os países, a opinião pública estava quase unanimemente contra os invasores norte-americanos e britânicos. Toda a região flamejava com ódio aos EUA. Sob pressão do movimento de massas e tentando proteger os seus interesses imperialistas próprios, mesmo alguns dos aliados tradicionais dos EUA como a França e a Alemanha opuseram-se à guerra. Estes factores poderiam ter constituído uma dificuldade cada vez maior para os EUA, quanto mais tempo durasse a guerra.”

O desenvolvimento de um movimento contra a guerra e o modo como interagirá com a evolução de outras contradições no mundo não pode ser previsto com antecedência. Quando um movimento global sem precedentes contra a guerra irrompeu na cena internacional no início de 2003, surpreendeu e preocupou todos os governos e marcou o aparecimento de um novo elemento na situação mundial. A importância da edificação imediata de um movimento contra a guerra não deve ser menosprezada. Para os que se opõem a uma nova guerra de agressão contra o Irão, o pior erro seria não fazer tudo o que for possível com a desculpa de que esse movimento não pode ser vitorioso.

Embora não tenha impedido a guerra, na véspera da invasão do Iraque o movimento ajudou a criar uma situação política que de facto colocou obstáculos práticos à máquina de guerra dos EUA. Por exemplo, os EUA não puderam invadir o Iraque pelo norte ao mesmo tempo que pelo sul. A oposição à guerra na Turquia foi tão forte que qualquer tentativa para prosseguir com o plano norte-americano original poderia ter desestabilizado esse regime amigo dos EUA. Em resultado, os muitos milhares de soldados, veículos blindados e outro equipamento norte-americano que tinham sido descarregados na Turquia tiveram que ser recarregados em navios e aviões e perderam muito tempo. A oposição à guerra noutros países da região como o Egipto também esteve perto de se tornar num factor material que poderia ter impedido a invasão. Uma das razões era que esses navios tinham que atravessar o Canal do Suez. A oposição à guerra nesses países era parte do movimento mundial contra a guerra que não teria tido a mesma força sem ela. Se o regime de Saddam Hussein não se tivesse rendido tão depressa perante o violento ataque norte-americano, a guerra teria corrido de uma forma diferente para os EUA, e o movimento contra a guerra possivelmente poderia ter ido muito mais longe e representado um papel ainda mais importante.

Além disso, esse movimento global despertou milhões e milhões de pessoas para a vida política em oposição à política imperialista, um factor que ainda está muito presente à escala mundial. A oposição a uma nova guerra não começará do zero, mas no contexto destas novas condições.

Se os que se opõem a uma nova guerra de agressão não perceberem ambos os lados da situação contraditória que o imperialismo norte-americano enfrenta, as suas forças e as suas fraquezas, podem vir a ficar paralisados até ser demasiado tarde.

## **Os amigos e os inimigos**

Como as guerras no Afeganistão e no Iraque fazem parte da mesma ofensiva mundial dos EUA e partilham os mesmos objectivos estratégicos, a oposição a elas pode ser conjugada e fortalecida com base em avanços e experiências comuns. Tudo isto torna ainda mais importante que se examine algumas das debilidades que o movimento contra a guerra já demonstrou ter e como elas podem tomar novas formas.

Algumas forças imperialistas opuseram-se ao ataque ao Iraque. Isso aconteceu em pequena escala nos EUA e muito mais amplamente dentro da classe dominante britânica, bem como entre os principais partidos de França, da Alemanha e doutros países. Isso foi um elemento importante na criação e na expansão do

movimento contra a guerra. Mas uma incorrecta compreensão dessa situação também infligiu grandes danos ao movimento. Por exemplo, na Grã-Bretanha, os dirigentes do Partido Democrata Liberal, o terceiro maior partido do país, foram oradores destacados nas manifestações contra a guerra. Contudo, no dia em que a coligação EUA/GB desencadeava as invasões, eles decidiram apoiar a guerra em nome do apoio aos “rapazes” da Grã-Bretanha, como dizia Charles Kennedy, líder do partido nessa altura. Em Itália, alguns partidos parlamentares opuseram-se à guerra, mas também impediram o desenvolvimento de um movimento que pudesse extravasar para além dos limites da política do costume e empenhar-se em acções efectivas. As ocupações das linhas de comboios para impedir a movimentação de tropas foram um exemplo do que poderia ter alastrado e se ter tornado mais gigantesco. Nestes dois países, os governos entraram na guerra contra a vontade expressa das massas. Um dos factores que o permitiu foi que os principais partidos políticos (e o medo de os afastar, entre outros) ajudaram a impedir o desenvolvimento de uma maior combatividade das massas.

Nos países oprimidos, em particular nos países historicamente de predomínio muçulmano, os fundamentalistas religiosos assumiram a iniciativa e a liderança em geral e subordinaram a oposição à guerra aos seus interesses reaccionários. Em muitos casos, como aconteceu no Paquistão, procuraram evitar uma confrontação política com os governos com quem tinham relações ambíguas ou mesmo amigáveis. Um pequeno vislumbre do que poderia ter sido possível, ocorreu no Egipto em que houve protestos particularmente significativos liderados por forças laicas, em contraste com a Fraternidade Muçulmana muitas vezes tolerada pelo governo. Isso ocorreu numa altura em que as acções dos EUA estavam a criar grandes tensões a todos os governos reaccionários da região. No próprio Iraque, o principal factor a favor da ocupação dos EUA acabaram por ser as forças fundamentalistas, tanto as que acabaram por se tornar pilares do regime fantoche, como as que se lhe opõem de uma forma que sabota a unidade das massas do Iraque e do mundo contra os agressores imperialistas.

Como a invasão norte-americana do Iraque se transformou numa ocupação de longa duração, para que o movimento contra a guerra se continue a desenvolver, a natureza de classe desses fundamentalistas precisa de ser compreendida, tida em conta e amplamente explicada, em conjunto com uma compreensão da natureza e dos objectivos da própria guerra liderada pelos EUA e dos interesses dos povos nesta situação. (Isto não quer dizer que o movimento podia ter persistido indefinidamente no mesmo tom, independentemente do desenvolvimento da guerra.) Infelizmente, muita gente ficou aflita com a ideia de que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Essa abordagem falsamente “prática” cegou-os face aos factos e funcionou contra o movimento contra a guerra. Uma das formas que assumiu foi a do apoio a Saddam Hussein. Outra forma foi a do apoio a fundamentalistas iraquianos como Moqtada Sadr, que denuncia os EUA e simultaneamente ampara o governo fantoche, e outros clérigos mais directamente favoráveis à ocupação e que ao mesmo tempo são aliados do regime iraniano. Algumas pessoas que se opõem ao domínio norte-americano do Iraque também não conseguiram perceber a natureza reaccionária das forças ligadas à Al-Qaeda.

À medida que assoma uma nova guerra, já está à vista uma tendência para apoiar a República Islâmica do Irão e para a avaliar incorrectamente como anti-imperialista. Esta visão pode opor-se à guerra, mas está longe de ser internacionalista em carácter. De facto, também ela significa procurar amigos entre forças aparentemente poderosas à custa dos interesses do povo do Irão. Salta por cima de um facto fundamental que define a situação: embora o objectivo imediato dos EUA seja a mudança de regime, o seu objectivo mais vasto é dominar as nações e os povos. Apoiar a RII é estar contra a luta do povo do Irão pela sua libertação. É estar contra as mulheres do Irão, metade da população que há mais de um quarto de século é oprimida pelo regime teocrático, e contra a luta dos curdos, dos baluchis e de outros povos minoritários que têm sido vítimas do chauvinismo nacional e do sectarismo religioso do regime. Significa apoiar a repressão do regime sobre o povo em nome da unidade contra as “forças estrangeiras”.

É de vital importância unir num movimento contra a guerra uma gama de forças o mais ampla possível, mas não podemos permitir que os reaccionários, mesmo os que se opõem a uma guerra em particular num momento particular, ditem as condições e os limites desse movimento. Neste sentido, a questão da libertação das mulheres tornou-se numa pedra de toque.

## **A opressão das mulheres – uma pedra de toque na distinção entre amigos e inimigos**

Durante a manifestação organizada pela Campanha para a Abolição de Toda a Legislação e Leis Misóginas, Baseadas no Género e Punitivas no Irão, que terminou em Haia a 8 de Março, a questão sobre que atitude tomar face ao regime iraniano foi amplamente debatida, sobretudo na Alemanha. Muitas organizações europeias não apoiaram a campanha contra a opressão das mulheres na República Islâmica porque pensam que ao fazê-lo estão a ajudar os EUA a justificar uma invasão.

É verdade que o imperialismo norte-americano é o inimigo principal e que as suas ameaças representam o perigo principal. Mas não é correcto concluir que as massas se devem unir ao regime iraniano porque há o perigo de uma invasão norte-americana. Isto significa defender que os direitos e os interesses do povo, incluindo as mulheres, a metade do povo do Irão, têm que ser sacrificados por causa de uma falsa unidade com “os amigos” no poder (de novo a ideia de que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”) que parecem – muito erradamente, como vimos com Saddam – capazes de resistir aos EUA.

Em vez de alinhar no encobrimento da natureza antimulheres do regime iraniano, em nome de uma suposta unidade anti-EUA, seria muito melhor expor o inferno que as invasões norte-americanas levaram às mulheres do Afeganistão e do Iraque e o extremo carácter antimulheres demonstrado pelo regime Bush em geral. O que é mais do interesse dos povos do mundo: unir-se a alguns mulás no poder ou trabalhar para unirem as mulheres do mundo e todos os que se opõem à sua opressão?

Os comunistas no Irão têm uma amarga experiência deste problema de confundir amigos e inimigos. Na tática que adoptaram durante a sublevação contra o Xá em 1979, não foram vigilantes dos interesses independentes das massas. Quando o Xá foi derrubado, não demorou muito até o regime islâmico que o substituiu massacrar dezenas de milhares de pessoas, incluindo milhares de comunistas, e encarcerar muitas mais para impor o seu domínio, reprimir o movimento curdo pela autodeterminação e sujeitar as mulheres a uma opressão medieval. Como podem os comunistas iranianos, que não deram suficiente atenção à sua luta independente e não tomaram o seu caminho independente para a revolução, cometer de novo esse mesmo erro e levar as massas a por os seus pescoços sob as lâminas desses mesmos açougueiros? A abordagem desorientada e mesmo suicida que objectivamente, se não sempre conscientemente, algumas pessoas querem impor aos oprimidos do Irão já foi experimentada e fracassou em muitos lugares distintos.

Num debate sobre a manifestação do 8 de Março que se desencadeou na página da internet do ZNet antes e muito depois dessa data, uma das oradoras da reunião, Radha D'Souza, escreveu que o boicote a essa manifestação por parte de algumas organizações e personalidades europeias que se opõem à guerra “toca numa questão de considerável importância que vai até ao coração das lutas contra o imperialismo, uma questão de considerável importância para a política contemporânea de resistência em todo o lado” (mensagem de 9 de Abril). O argumento de que, face à ameaça de outra invasão EUA/GB, não é correcto opormo-nos à República Islâmica do Irão, disse ela, “inverte o bushismo sobre amigos e inimigos. Com efeito, o seu argumento é o de que ‘não estamos convosco, portanto estamos com eles’. Uma tal perspectiva proporciona às massas apenas duas opções: ou apoiam uma ditadura islâmica ou uma ditadura militar dos EUA. A única ‘escolha’ para o povo do Irão é ‘escolher’ quem devem ser os seus opressores. Isso significa que a liberdade não é uma das opções.”

Isto certamente não significa que não exista o perigo de se cair numa unidade com a classe dominante dos EUA. Algumas pessoas apoiam a acção militar dos EUA em nome de ideais progressistas, enquanto outras mantêm um silêncio cuidadoso e recusam opor-se activamente a essa agressão. Embora o apoio à invasão do Iraque liderada pelos EUA em nome da libertação das mulheres desse país tenha sido apenas uma tendência secundária, foi uma corrente muito mais poderosa durante a invasão norte-americana do Afeganistão. O extremo domínio religioso e a extrema opressão das mulheres no Afeganistão levaram alguns antifundamentalistas e ateus, bem como algumas organizações de mulheres e um sector das massas do Afeganistão e de outros países a pensar que o derrube dos talibãs às mãos do governo Bush era positivo. Isso também poderá acontecer em relação ao Irão.

O que está errado neste argumento é pensar que o imperialismo norte-americano tem alguma intenção de libertar o povo do Irão ou de qualquer outro lugar. De facto, fará tudo o que puder para impedir os povos de se libertarem do domínio imperialista e das relações sociais e económicas atrasadas. De facto, uma maior escravização dos povos do mundo ao capital monopolista norte-americano é o objectivo fundamental do governo Bush. Os iranianos podem ver que o modo de vida de que estão a tentar escapar foi estabelecido no Iraque e no Afeganistão como base social dos governos de ocupação.

Algumas pessoas entre as nacionalidades oprimidas do Irão, sobretudo no Curdistão, sonham poder vir a representar um papel como o de Jalal Talabani e Massoud Barzani no Iraque. Alguns sectores da organização curda Komela e do Partido Democrático do Curdistão Iraniano estão a tentar entrar nesse jogo. Os seus líderes Abdollah Mohtada e Mostafa Hejri, juntamente com alguns azeris escolhidos a dedo pelo poder norte-americano, têm participado em reuniões nos EUA. Também há forças que sonham com o poder a nível nacional e fazem fila para trabalhar como lacaios norte-americanos de forma a concretizarem os seus sonhos. Entre eles estão os monárquicos reunidos à volta de Reza Pahlavi (filho do Xá deposto), a organização Mujaheddin (um grupo da oposição iraniana ocasionalmente favorecido pelos EUA) e um sector dos que podem estar ou pelo menos ter estado muito próximos do actual regime, como Hussein Khomeini, neto do falecido Aiatola Khomeini. Falando recentemente no canal de televisão al-Arabiya, Hussein Khomeini disse: “A liberdade tem de chegar ao Irão por qualquer meio possível, seja através de desenvolvimentos internos, seja externos. Se você fosse um prisioneiro, o que é que faria?” Também há algumas activistas no movimento das mulheres iranianas que pensam que sem ser com o apoio dos EUA é impossível libertar o Irão. Embora estes pontos de vista sejam defendidos por uma camada relativamente pequena de pessoas, eles têm uma maior influência porque são ampliados e apoiados pelos EUA.

A construção do urgentemente necessário movimento de resistência à agressão imperialista norte-americana ao Irão tem que incluir argumentar contra estes dois desvios potencialmente incapacitadores. Os povos não precisam do apoio dos EUA para se libertarem e não precisam de apoiar a República Islâmica para se oporem à intervenção dos EUA. No Irão, só um movimento que enfrente estas ideias erradas principais e confie nas massas tem o potencial para unir as massas do país e ganhar o apoio e a solidariedade dos povos do mundo. Não importa quão difícil possa ser esta abordagem, qualquer outra não passa de uma ilusão. O mesmo é verdade a nível mundial – é necessária uma posição verdadeiramente internacionalista que apoie todas as lutas dos povos do mundo contra o imperialismo e o domínio reaccionário, para unir todos os que podem ser unidos, para criar o movimento mais persistente e mais forte possível e para evitar as armadilhas políticas mortais cujas mandíbulas irão ficar cada vez mais alargadas. Este tipo de movimento é o que tem maiores possibilidades de impedir uma guerra face ao desenvolvimento de outras contradições e é o que pode criar a possibilidade de maiores avanços na luta revolucionária se os imperialistas cometerem o horrendo crime de iniciarem uma nova guerra.